UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA

MARIA CAROLINA XAVIER DA COSTA

LAMPARINAS DA CONSCIENTIZAÇÃO: A CONEXÃO ENTRE AS ESCOLAS RADIOFÔNICAS E A “CARTILHA SUBVERSIVA” DO MOVIMENTO DE EDUCAÇÃO DE BASE NA DÉCADA DE 1960 NO RIO GRANDE DO NORTE

NATAL/RN
2015

MARIA CAROLINA XAVIER DA COSTA

LAMPARINAS DA CONSCIENTIZAÇÃO: A CONEXÃO ENTRE AS ESCOLAS RADIOFÔNICAS E A “CARTILHA SUBVERSIVA” DO MOVIMENTO DE EDUCAÇÃO DE BASE NA DÉCADA DE 1960 NO RIO GRANDE DO NORTE

Monografia apresentada ao Curso de História da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, sob orientação Do professor Dr. Ms. Renato Amado Peixoto, para avaliação da disciplina Pesquisa Histórica II.

NATAL/RN

2015

AGRADECIMENTOS

“Deus te conhece
e sabe o que vai te fazer bem
Se não entendes
deixa Deus cuidar da tua história”
(Sempre caminhar – Eliana Ribeiro)

Dos caminhos que trilhei, pelas portas que entrei, das janelas que espiei, das palavras que falei, das coisas que vivi, foram todas guiadas por Deus, minha história de vida se resume a esse ser que de fato é meu Pai e rege meu caminho, Ele é a luz de minha vida, Ele me conhece como ninguém, sabe de meus erros e acertos, alegrias e tristezas, Ele é o dono de minha vida, foi Ele quem me permitiu chegar onde estou, e com toda a certeza do mundo posso declarar que minha vida é feita da providência divina, foi Deus quem me guiou para esse tema de monografia, foi Ele quem escutou minhas orações e me consentiu a bolsa no Arquivo da Arquidiocese através da professora Margarida Dias. É a Deus quem eu devo toda honra, louvor e agradecimento. Deus sabe escrever certo por linhas certas e tem maior zelo e amor para com seus amados filhos. Obrigada, Senhor, por escutar minhas orações e súplicas, por me conceder o tempo para tudo e por guiar meu caminho. Hoje me sinto agradecida por ter entrado no curso de História e devo isto ao meu Pai Celestial.

Pode parecer estranho para algumas pessoas, mas o meu próximo agradecimento, quero dedicar aquela que pus minha fé, aquela que guardo com amor suas normas e ensinamentos, aquela que também orienta minhas duvidas e minha vida como um todo, agradeço a Igreja Católica Apostólica Romana, porque de fato sem a fé na minha Igreja eu não teria chegado onde cheguei.

Devo prestar meus profundos agradecimentos aos meus guardiões, aos guardiões do meu amor, meus pais, aqueles que estavam ao meu lado vendo meus sofrimentos e me ajudando quando eu precisava, esses meus amados que lutaram e lutam para me dar o bom e o melhor, que mesmo com meus 21 anos de idade ainda são capazes de fazer meu café da manhã e me deixar na faculdade, a eles devo todo o meu amor, ao meu pai Clodoaldo José da Costa e minha mãe Valéria Cristina Xavier da Costa, obrigada por apoiar minhas decisões, por caminhar junto comigo durante todos esses anos, vocês são meu alicerce, meu refugio, obrigada por tudo, que Deus continue abençoando, guardando e regendo a nossa família .

Acredito que Deus tem um plano para a vida de todos, e estava nos planos dEle me interessar pelo tema relacionado ao Movimento de Natal, pois através disso pude conhecer meu orientador Renato Amado Peixoto, obrigada professor por toda atenção, paciência e dedicação ao longo desse tempo que o senhor me orientou, não pensei que um e-mail que eu enviasse para o senhor poderia mudar tanto minha vida. Agradeço imensamente a ti por ter me mostrado o que é ser um professor de verdade, sem arrogâncias ou prepotências, mas com simplicidade e amor aos seus alunos. Peço-lhes desculpas por não ter sido a melhor aluna do mundo, por não ter dado tantos orgulhos, reconheço que muitas vezes poderia ter feito melhor. Mas guardo comigo uma imensa admiração a ti e agradeço por tudo o que o senhor fez e faz.

" 6E eu respondi: Ah! Senhor JAVÉ, eu nem sei falar, pois que sou apenas uma criança.7Replicou porém o Senhor: Não digas: Sou apenas uma criança: porquanto irás procurar todos aqueles aos quais te enviar, e a eles dirás o que eu te ordenar.8 Não deverás temê-los porque estarei contigo para livrar-te - oráculo do Senhor." (Jeremias 1, 4-8). É com essa citação bíblica que agradeço a um anjo que Deus colocou em minha vida, obrigada Antônio Ferreira Melo Junior por ter me ajudado a acreditar em mim mesma, principalmente nos momentos mais difíceis que eu queria desistir de tudo, obrigada por ser um amigo verdadeiro e por ter estendido a mão sempre que eu precisei mesmo sem eu merecer. Você me fez acreditar que sou capaz de ir além e conquistar o que eu quiser. Agradeço também aos meus amigos da base, obrigada aos "Bolsistas Top" que sempre me davam conselhos, me faziam rir e me ajudavam com o que era preciso, devo muito a Daniela Leirias, Pedro Filipe e Douglas Cavalheiro, guardarei com carinho nossa amizade e espero que ela perpetue.

Agradeço a uma professora que deu uma luz na minha vida acadêmica, obrigada Margarida Dias por ter permitido ser sua bolsista durante um ano, através da senhora eu aprendi a ser mais responsável e me apaixonei pelo oficio do historiador no arquivo, além disso, pude iniciar minha pesquisa. Agradeço a minha família do arquivo que me trouxeram grandes risadas e memórias cativantes, tenho a absoluta certeza que seremos uma família para sempre, obrigada ao Meu pai Cláudio Correia, minha mãe Maria Luiza Barbalho, a minha irmã lesa Cristiane Mirelle, ao meu irmão chato Adriel Silva, aos meus irmãos seminaristas Sergio Alexandre, José Rodrigues, Kaio José, Julio César e Antônio Roberto, agradeço também aos chefes do arquivo Irmã Vilma e Diácono João Manoel.

Agradeço a minhas colegas de curso que estiveram ao meu lado trilhando os caminhos acadêmicos Aline Priscila, Isabelly Eny, Thaiz da Silva, Anny Karoline, Igor Oliveira, Dayse de Assis, Emanuel Fernandes, Eduarda Gois, Maria Helena, Luciana Muhlert e Luzinete.

Obrigada pelos bons e eternos momentos que vivemos juntos vocês ficaram marcados na minha história, guardarei com carinho em minha memória os momentos que passamos juntos.

Por fim, agradeço aos meus "amigos da igreja" aqueles que estão comigo praticamente todos os dias me ajudando na caminhada missionaria e no crescimento de minha vida espiritual, esses são de fato meus irmãos, aqueles que vivi os momentos mais felizes e loucos de minha história, obrigada Luiz Ricardo, Paula Roberta, Saulo Vitor e Williany Sousa por deixar minha jornada mais feliz e descontraída sem vocês eu tenho certeza que eu teria enlouquecido nesses últimos anos, continuem ao meu lado, precisarei de vocês ao meu lado por toda a minha vida.

Existem tantas pessoas que são dignas de agradecimento em minha vida, por pequenos ou grandes favores, acredito que não pude colocar no papel todas elas, mas tentei pôr aquelas que estiveram comigo nesses quatro últimos anos, obrigado a todos vocês que me deram força para finalizar mais uma etapa de minha vida.

MARIA CAROLINA XAVIER DA COSTA

LAMPARINAS DA CONSCIENTIZAÇÃO: A CONEXÃO ENTRE AS ESCOLAS RADIOFÔNICAS E A “CARTILHA SUBVERSIVA” DO MOVIMENTO DE EDUCAÇÃO DE BASE NA DÉCADA DE 1960 NO RIO GRANDE DO NORTE

Monografia apresentada ao Curso de História da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, para avaliação da disciplina Pesquisa Histórica II.

Aprovado em: ___/___/___.

BANCA EXAMINADORA

____

Prof. Renato Amado Peixoto
(Orientador / UFRN)

____

Henrique Alonso de Albuquerque Rodrigues Pereira
(UFRN)

____

Wicliffe de Andrade Costa
(UFRN)

“As condições físicas das escolas radiofônicas estavam longe de atingir os preceitos mínimos essenciais para o funcionamento de uma escola: o local era iluminado por **lamparina**, poderia ser a sala da casa do monitor, um alpendre, um terreiro, uma latada. Mas, apesar dessa precariedade, os monitores desenvolviam seu trabalho com dedicação.”

(PAIVA, 2009, p.52)

RESUMO

Nosso trabalho propõe-se a discutir as origens dessa conscientização e politização ao tomar como estudo de caso as Escolas Radiofônicas do Rio Grande do Norte na década de 1960 por elas serem o centro do Movimento de Natal, movimento social católico praticamente desconhecido pela historiografia e responsável por responder às demandas sociais deste estado após a Segunda Guerra. Fazemos notar que o MEB foi uma ampliação a nível nacional da experiência norte-rio-grandense com as Escolas Radiofônicas. Neste sentido, nosso objetivo é analisar as ideias disseminadas nos materiais produzidos pelo MEB e relacioná-las às Escolas radiofônicas, pensando as tensões entre a realidade local e a nacional. Para alcançar este objetivo, analisaremos uma cartilha feita pelo MEB que tinha por intuito apoiar as atividades educativas via rádio, buscando a promoção da formação política, social e educacional da população por meio de seu material didático-pedagógico.

Palavras- chave: Movimento de Educação de Base (MEB); Movimento de Natal; Campanha Nacional de Alfabetização de Adolescentes e Adultos (CNAA).

ABSTRACT

Our work proposes to discuss the origins of this conscientization and politicization by taking as a case study the Escolas Radiofônicas of the Rio Grande do Norte in the 1960s because they're the center of the Movimento de Natal, Catholic social movement virtually unknown by the historiography and responsible to respond to social demands of this state after World War II. We note that the MEB was an extension at national level of the Rio Grande do Norte experience with Escolas Radiofônicas. In this sense, our goal is to analyze the ideas disseminated in the materials produced by the MEB and relate them to the Escolas Radiofônicas, considering the tensions between local reality and national. To accomplish this, we will analyze a primer made by the MEB which was meant to support the educational activities via radio, seeking to promote the political, social and educational background of the population through its didactic and pedagogical material.

Key words: Movimento de Educação de Base (MEB); Movimento de Natal; Campanha Nacional de Alfabetização de Adolescentes e Adultos (CNAA).

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO

Lamparinas da conscientização: a conexão entre as escolas radiofônicas e a "cartilha subversiva" do Movimento de Educação de Base na década de 1960 no Rio Grande do Norte visa analisar alguns dos materiais disponibilizados pelo Movimento de Educação de Base por volta da década de 1960 tentando entender como as ideias foram disseminadas chegando a influenciar grande parte do povo principalmente os nordestinos, conseguindo também, de certo modo, mudar sua vida, pois proporcionaram a alfabetização e sua conscientização perante o mundo em que viviam, além disso, tentaremos entender como este Movimento estava relacionado as escolas radiofônicas norte-rio-grandenses e ao Movimento de Natal.

O interesse pelo estudo deste tema está conectado as raízes do Movimento de Educação de Base (MEB), pois este surgiu de um plano organizado e vivenciado primeiramente no Rio Grande do Norte através das Escolas Radiofônicas, ao ver que essa experiência local estava dando certo, o governo federal tratou logo de ampliar esse plano para outros locais do Brasil, sendo assim o que chama atenção nessa situação é que a ação das Escolas Radiofônicas em sua escala local influenciou o cenário nacional na relação Igreja e Estado.

Quando pensamos nesse tema surgem-nos questões, como foi feita e aceita a conscientização e a politização realizada pelo MEB através das escolas radiofônicas? Quais as relações das escolas radiofônicas norte-rio-grandenses com o MEB? Por que a atuação da Igreja no nível local conseguiu tomar proporções maiores e chegou a influenciar o Movimento de Educação de Base que é nacional? Muitas são as questões que envolvem essa pesquisa algumas delas serão respondidas ao decorrer do texto, outras ficarão para futuros projetos.

As pessoas que geralmente se encontravam em locais na zona rural, tinham um acesso precário a educação e informação e, tendo em mente que o quadro de analfabetismo encontrado no Brasil era muito alto, principalmente nas regiões do Norte e Nordeste, o governo que já agia com outras Campanhas de educação, enxergou no Movimento de Natal, mais respectivamente nas Escolas Radiofônicas, uma possibilidade para resolver seus problemas, porque os trabalhos realizados por elas já vinham dando frutos nos Rio Grande do Norte, cresceu então o MEB, que produzia cartilhas para apoiar os programas de rádio e tinha como objetivo alfabetizar, conscientizar e politizar o povo que ainda não possuía uma educação acessível, de fato estavam conseguindo realizar essas ações com sucesso.

Devemos deixar claro que este assunto já foi estudado por outros autores, contudo ele não foi trabalhado na área de história local. Tal tema é bem discutido na área de educação, por

exemplo, Osmar Fávero (2006), no plano nacional, Marlúcia Menezes de Paiva(2009), no plano local, e são referência para minha pesquisa.

Estudar o Movimento de Natal e o Movimento de Educação de Base nos traz uma grande relevância para a aproximação entre a História das Religiões e a História Política, pois, neste caso, o espécime politico e o espécime religioso se cruzam no exame do objeto, se prestando a ser trabalhado a partir da visada da 'Religião Crítica' trazida por Timothy Fitzgerald em "*The ideology of religious Studies e Discourse on Civility and Barbarity*" e trabalhada por Renato Amado Peixoto no artigo "Creio no espírito Cristão e Nacionalista do Sigma': Integralismo e Catolicismo nos Escritos de Gustavo Barroso, Padre J. Cabral e Câmara Cascudo" e "A colusão entre o catolicismo e o integralismo no Rio Grande do Norte (1932-1935)". Além disso, também contribui para a História Local tendo em vista que levantará um tema não discutido pela historiografia norte-rio-grandense e central para que se compreenda as décadas de 1950 e 1960 no estado.

Estudar esse tema contribui para que possamos entender como o processo pedagógico e o ensino de história, mais objetivamente no final dos anos 50 tinha como objetivo não apenas o letramento, mas também o amadurecimento de uma visão de mundo, transparecidas nas palavras 'conscientização e politização', jargão utilizado não apenas pelos integrantes do MEB, mas também no seu material didático.

Sendo assim o nosso objetivo é analisar as ideias disseminadas em alguns dos materiais produzidos pelo MEB e relacioná-las às Escolas radiofônicas percebendo a conexão existente entre eles, discutindo também as origens da conscientização e politização existentes nesses materiais tomando como estudo de caso as Escolas Radiofônicas do Rio Grande do Norte na década de 1960 por elas serem de grande importância para o Movimento de Natal. Tendo em mente que o MEB foi uma ampliação a nível nacional da experiência norte-rio-grandense com as Escolas Radiofônicas.

Para a construção deste trabalho teremos que fazer um percurso de leituras, buscamos como suporte teórico o texto de Renato Amado Peixoto em que se aborda o Movimento de Alfabetização "'A Verdadeira liga extraordinária' e a 'História do Brasil em quadrinhos'" e os artigos, anteriormente citados, em que se trabalham as ideais Religião Política, Colusão e dentre outros conceitos, para que assim pudéssemos fazer notar que no pós-secularismo não é mais possível entender nem pensar na história do político sem o religioso.

Para refletir sobre o Movimento de Educação de Base e as Escolas Radiofônicas, é necessário entender antes de tudo como estava o quadro da educação brasileira, para tanto utilizamos Alceu Ferraro (2003), no que diz respeito à Educação de Base e a Educação de

Radio e ao MEB em si, foram utilizados textos como o de Osmar Fávero (2006). Para se aprofundar no Movimento de Natal consultamos três referencias historiográficas importantíssimas, são elas Camargo (1971), Ferraro (1968) e as entrevistas que Dom Eugênio de Araújo Sales concedeu a Michael Murphy em 1963 e somente neste ano de 2015 foram publicadas em português pela Associação Brasileira das Editoras Universitárias (ABEU).

Como fonte, utilizamos os materiais didáticos disponíveis no site Centro de Documentação e Informação Cientifica (CEDIC) da PUC – SP, criado em 1980 com o intuito de disponibilizar documentos referentes a movimentos sociais ligados a Igreja e à Educação, em que se salvaguardam documentações que vão dos anos de 1960 até 1980, este site mostra ser uma ferramenta de fácil acesso e manuseio que deve ser divulgada para muitos pesquisadores.

Pesquisamos também no site do Fóruns EJA Brasil, tal espaço é bem interativo, sendo possível através dele, acessar documentos, livros, textos, áudios, palestra e dentro outras ferramentas de pesquisa e aprendizagem. Consultamos os conjuntos didáticos “Viver é lutar” de 1963, incluindo seu caderno de Justificação, Mensagem e de Fundamentação. Também foi possível encontrar o conjunto “Mutirão” primeiro e segundo livro ambos de 1965, porém essas cartilhas não foram utilizadas na pesquisa, infelizmente não tivemos acesso a cartilha “Saber para Viver” que é anterior e faz par com a “Viver é lutar”, mas o resgate a analise dela poderão ser objetivos para pesquisas futuras.

Outras fontes utilizadas para a construção deste trabalho foram os Documentos Legais de criação do MEB, seus convênios com a Igreja Católica, os documentos de apreensão da cartilha “Viver é lutar” e os dossiês de textos desse conjunto didático, estando todos esses documentos disponíveis para a consulta no acervo do CEDIC e do Fóruns EJA.

Vale salientar que no Arquivo da Arquidiocese de Natal existe uma vasta quantidade de fontes relacionadas aos temas aqui abordados, contudo para esta pesquisa não utilizamos delas, pois ainda precisam ser catalogadas e estão em processo de organização. Na Base do Grupo de Pesquisa ‘Catolicismo e Política no Mundo Contemporâneo’ existe um acervo de documentos fotografados na diocese, mas eles também não foram utilizados no momento e ficarão para o futuro, pois agora centraremos na analise do conjunto didático “Viver é lutar” feito pelo MEB Nacional e disponibilizado para os estados que receberam o sistema.

O trabalho monográfico se dividiu em três capítulos. O primeiro, ‘O Movimento de Natal’, trata a respeito logo de inicio da Religião Politica, da Colusão no Movimento de Natal e na Religião e da Política, tendo em vista que ambas estavam interagindo entre si, havendo um serie de contratos entre o politico e o religioso visando o beneficio da sociedade. É

necessário olha para o Movimento e não somente enxerga-lo como uma ação que somente envolveu o meio religioso, mas também o social, o educativo e o político.

Logo no inicio do capítulo foi feito esse debate até chegarmos ao conceito de Colusão, defendendo a ideia de que ela estava presente no meio dos líderes que deram origem a esse Movimento como é o caso de Dom Marcolino Dantas e Otto Guerra, eles eram conhecidos por estarem ligados ao fascismo e ao mesmo tempo viviam no meio religioso, sendo assim percebemos claramente a presença da Colusão entre eles. No último capítulo voltamos a falar sobre este conceito, exatamente quando o debate em torno da "Cartilha dos Bispos Comunistas" é colocado em enfoque. No decorrer do primeiro capítulo aprofundamos nossos estudos no Movimento de Natal em si, investigando suas origens e os principais autores que trabalhando com esse tema, construímos essa parte exatamente em cima de Alceu Ferraro, Cândido Procópio e das entrevistas de Dom Eugênio de Araújo Sales.

No segundo capítulo fomos ao mesmo tempo que concentrando nossa explicação, também expandindo, concentrando o foco do Movimento de Natal voltado ao Serviço de Assistência Rural (SAR), pois foi desse Serviço que saíram as Escolas Radiofônicas e foram elas quem deram origem ao Movimento de Educação de Base, contudo antes de aprofundarmos o tema no MEB, nós fizemos uma breve panorama sobre a situação do analfabetismo no Brasil e sobre a Educação de Rádio para que assim tivéssemos arcabouço para falar das Escolas e do Movimento, a partir disto demos prosseguimento e adentramos no MEB falando de sua relação entre Governo e Igreja, de seus objetivos e de como ele funcionava, vale salientar que essa parte foi feia através dos documentos legais de criação do Movimento.

No terceiro escolhemos uma cartilha do MEB para trabalhar enquanto um estudo de caso particular e assim entender sobre a metodologia utilizada para conscientizar e politizar os alunos, essa parte foi toda feita em cima do conjunto didático "Viver é lutar", este possuía uma cartilha muito polemica, que marcou a história do MEB, pois foi chamada como "A Cartilha Subversiva" ou "A Cartilha dos bispos Comunistas", ela foi feita focando o povo do nordeste e em seu conteúdo percebemos abertamente a sua abertura para a politização e conscientização, focamos também um tópico para falar sobre a apreensão dele e sua proibição, ela de fato foi um marco, pois após todos os problemas ocorridos ao seu respeito o Movimento de Educação de Base nunca mais foi o mesmo, ele se enfraqueceu, teve que passar por uma série de alterações nos seus programas e a censura também o atacou. Neste capitulo retornamos nossos debates em torno da colusão, tentando mostrar que essa cartilha e

o MEB poderia ser uma brecha para esse termo, contudo também fomos mostrando a opinião e a defesa da Igreja, na qual ela sempre se mostrou ser contra ao comunismo fortemente.

Esse estudo referente às escolas radiofônicas, ao MEB e ao Movimento de Natal nos faz mergulhar em um mundo de esperanças, pois quando lemos as páginas dessa pesquisa começamos a fazer uma viagem para o passado e sentimos como a população daquela época vivia e como eles lutaram por um mundo e uma educação melhor. Desejo um bom passeio por todas essas folhas e espero que este trabalho possa de alguma forma, ajudar aqueles que estão à procura de um aprofundamento dos assuntos aqui debatidos.

CAPÍTULO I

2. O MOVIMENTO DE NATAL

"Para ser um pai e um irmão de verdade, ele teria de dividir o seu prato cheio com os pratos vazios dos filhos e irmãos. Nossos Bispos deveriam agir de forma semelhante."
(AMMANN, 2015, p.147)

"Há um espírito inquieto no povo"
(AMMANN, 2015, p.5)

São com essas frases que começaremos nosso primeiro capítulo, aquele que tratará sobre o Movimento de Natal, uma ação política, social, moral, econômica e religiosa, algo que derrubou as quatro paredes da Igreja Católica de Natal e fez com que o clero passasse a olha com outros olhos para os leigos, dando mais assistência para todos, uma nova Igreja em Natal nasceu.

2.1. RELIGIÃO POLÍTICA

Abriremos o capitulo tratando da Religião Politica seguindo a vertente descrita por Renato Amado Peixoto[1], para tanto utilizaremos alguns de seus textos como 'Creio no espírito cristão e nacionalista do sigma': integralismo e catolicismo nos escritos de Gustavo Barroso, Padre J. Cabral e Câmara Cascudo', que foi publicado em 2015 na Revista de Intelectuais Católicos da Universidade de Passo Fundo. E o texto "A Colusão entre o catolicismo e o integralismo no rio grande do norte (1932-1935)", escrito também em 2015.

Peixoto faz referência a vários outros autores que são extremamente importantes para se entender os conceitos de 'Religião Politica', 'Religião Crítica', de 'Fascismo Clerical' e de 'Colusão', são eles, Roger Griffin[2], Emilio Gentili[3], Renato Moro[4], Timothy Fitzgerald[5] e

---

[1] Doutor em História pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), professor do Programa de Pós-Graduação e do Departamento de História da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), orientador desta monografia e do projeto 'O pensamento católico, a atuação política e a intervenção social da Igreja em relação à formulação da identidade e da espacialidade norte-rio-grandense entre 1930 e 1964'.
[2] Doutor pela Universidade de Oxford, é um professor britânico de história moderna e teoria, realizou estudos referentes ao fanatismo politico, religioso e principalmente centrando seus temas ao Fascismo, uma de suas obras mais conhecidas é "The Nature of Fascism", publicada em 1991.

Jan Nelis[6], ressaltamos que é mais prático trabalhar com os textos de Peixoto, uma vez que não se tem obras desses autores traduzidas para o português, ou seja, Renato Amado Peixoto tem feito um trabalho árduo de tradução, análise e encaixe das diversas obras para que assim pudesse incluí-las em seus artigos.

Pretendemos aqui não somente explicar os termos que são postos por estes autores, faremos isso mais para situar nosso entendimento em relação ao que pretendemos ver futuramente, mas objetivamos principalmente associa-los ao Movimento de Natal, levamos então como questões iniciais: O que é Religião Crítica? O que é Religião Política? O que é Colusão? Como esses termos podem ser assimilados ao Movimento?

Geralmente quando se pensa em Politica e Religião a nossa mente age de um jeito que faz com que automaticamente esses termos sejam dissociados, tal fato é uma ideia que foi naturalizada por nós, por conta de nosso jeito de olhar e analisar a História, tendo em vista que, como acentua Fitzgerald (2007 apud Peixoto, 2015) isso é consequência da separação entre Igreja e Estado feita pelo Ocidente no século XVIII, sendo desligados os assuntos relacionados a religião, principalmente quando se tratava de Ciência, Economia, Politica e Sociedade Civil. Isso também é sentido dentro da igreja pelos leigos que estão inseridos nos trabalhos pastorais e comumente só conseguem pensar em trabalhar para o reino buscando sua salvação e ligando seus trabalhos a Jesus Cristo, de tão habituado que eles estão aos assuntos espirituais nunca conseguem enxergar que a religião, dando enfoque ao Catolicismo, está ligada fortemente com a Politica e isso não é algo que acontece somente nos dias atuais, mas vem de heranças passadas.

Depois da virada pós-secularismo os estudiosos começaram a entender que era inaceitável pensar religião e política estando separado um do outros, era preciso analisa-los juntos, e hoje em dia isso deve ser feito por todos os historiadores que estudam esses temas, é necessário que eles desnaturalizem essa ideia.

Segundo Peixoto (2015), Religião Politica é um termo que surgiu no século XIX através da sacralização da política, para se expressar que o político estava se tornando semelhante ao religioso, devendo a constituição e as leis serem a religião da nação, assim como afirmou Abraham Lincoln em seu discurso destinado a nação americana.

---

[3] Um dos maiores Historiadores italianos no que se refere a ideologia e cultura do fascismo, é usado como referencial para Roger Griffin.

[4] Historiador italiano, atualmente professor de História Contemporânea, realizou estudos referentes a religião e politica.

[5] Estudioso da Religião, famoso por trabalhar com o termo 'Religião Crítica'

[6] Doutor pela Universidade de Gante, na Bélgica, realizou estudo sobre o catolicismo e o fascismo italiano.

Desde a metade dos anos 1920 ‘Religião Política’ começou a ser associada conjuntamente a ‘totalitarismo’ e no final dos anos 30 falar desse termo já se relacionava a trabalhar os termos de fascismo, nazismo, comunismo, na década de 1950 esse termo cai, pois não mais se falava tanto sobre esses conceitos, o único que era debatido era o comunismo. Perceba que esses regimes tinha um controle de um grande número de pessoas que modificavam o modo de vida e as suas ideologias devendo seguir o culto a um líder, parecido com a religião.

Depois da queda da União Soviética em 1994, por conta de uma conferência que tinha como tema ‘Totalitarismo e Religião Política, organizada por Hans Maier é que esse tema vai voltar a ser utilizado, mas nessa nova etapa procurava-se entender o mundo islâmico através das experiências do Bolchevismo, do Fascismo e do Nazismo.

Em 1979, outro termo entra em enfoque, era o ‘mínimo fascista’, queriam entender o que era o fascismo. É interessante perceber que ao longo da história o termo Fascismo se tornou pejorativo, várias vezes se utilizavam dele para insultar alguma pessoa que não se gostava ou no meio de alguma briga. E só depois de um tempo foi que perceberam que esse termo deveria ser refinado, queria-se de fato encontrar esse ‘mínimo fascista’, queriam ter um pequeno conceito concreto desse termo tão complexo e tão utilizado. Somente em 2003 tiveram uma conclusão do que poderia ser o ‘fascismo’ e quem conseguiu chegar até isso foi Roger Griffin (2003 apud Peixoto, 2015) “O fascismo é uma ideologia política cujo núcleo mítico em suas várias permutações é uma forma palingenética de populismo ultranacionalista”.

Durante o período em que o fascismo esteve em alta, muitas pessoas pensavam que ele não fosse se ligar a Religião, contudo vários religiosos se conectaram a esse regime, tanto que em 1922 um sacerdote chamado Luigi Sturzo, líder do ‘Partito Populare Italiano’ vai empregar o termo ‘Fascismo Clerical’ para designar a aproximação dos religiosos e leigos com os partidos fascistas. Em 2008 Roger Griffin (apud Peixoto, 2015) aprimora esse termo e aponta que seu conceito deve ser orientado pela ideia de colusão, a saber, a “confluência e síntese de posições antitéticas, com a transformação das crenças religiosas para que estas se adaptassem ao fascismo”, ou seja, com este termo é possível entender e explicar como os conceitos considerados ligados ao lado político podem também estar conectado a vertente religiosa. É como se fosse uma aproximação entre dois contrários (fascismo e cristianismo) que não se misturam, trazendo um pouco para nossa realidade, imagine a água e o óleo em um recipiente, eles estão juntos, mas não conseguem se misturar, as substâncias de um não se

entranham na do outro, isso é o que acontece na Colusão, fascismo e cristianismo se aproximam, mas não se misturaram.

Para que possamos entender o posicionamento de Igreja Católica e do Fascismo no texto "A Colusão entre o Catolicismo e o Integralismo no Rio Grande do Norte (1932-1935)" de Renato Amado Peixoto, é apontado que Jan Nelis propõe "que Pio XI teria adotado uma atitude de realpolitik ao considerar o fascismo como a opção política mais viável para os católicos e, Mussolini veria a Igreja Católica enquanto um instrumentum regni a ser simultaneamente cortejado e intimidado".

Agora que entendemos as definições dos termos como Religião Politica, Colusão e Fascismo Clerical passemos a pensar como assimilar tais pontos ao Movimento de Natal? Será que eles definitivamente têm algo em comum?

Ainda seguindo a linha do texto de Renato Amado Peixoto "A Colusão entre o Catolicismo e o Integralismo no Rio Grande do Norte (1932-1935)", recorrendo aos pontos finais, na qual ele vai nos mostrar uma aproximação entre a Congregação Mariana[7] e o fascismo, nos diz que a difusão do fascismo na Congregação se deu através da Liga Cearense do Trabalho, e principalmente do seu líder Severino Sombra de Albuquerque, sendo que outro fundador desta liga foi Hélder Câmara que também estava ligado ao clero norte-rio-grandense e ao fascismo local. Vale salientar também que Severino era vinculado ao Centro Dom Vital, ou seja, percebemos então que o fascismo Cearense, a influência da Igreja e o Centro estavam extremamente relacionados.

Algumas lideranças católicas como Otto Guerra e o próprio Dom Marcolino eram próximos ao fascismo e, esta primeira liderança citada era muito importante para a Congregação Mariana de Moços tanto em Natal quanto em Recife, além disso, ele também era membro importante do 'Manifesto de Recife', se destacou no Integralismo e desempenhou papel importante no Movimento de Natal, assim como Dom Marcolino que nos primeiros anos era bispo e juntamente com Dom Eugênio que ainda era padre conseguiu dar inicio e continuidade ao Movimento. Além disso, o representante do Governo Federal no Rio Grande do Norte, Sergio Marinho mostrava ser um grande incentivador do movimento fascista entre os católicos. (PEIXOTO, 2015, p.6).

[7] Foi fundada por D. Antônio dos Santos Cabral em 1918, sua criação foi uma marco importante para a Igreja de Natal, pois apoiou criações como da Escola de Comércio de Natal, o Semanário "A Palavra", o "Diário de Natal". Ela foi de grande importância para a ação temporal da Igreja, como é perceptível, seus principais pontos de atuação foram na formação de técnicos, imprensa e cooperativismo. Na época parte do grupo da congregação era influenciado pelas ideias integralistas. (FERRARO, 1968)

Portanto, percebemos que haviam sim pontos em comum entre fascismo e a formulação do Movimento de Natal, pois Otto Guerra e principalmente a Congregação Mariana foram pontos importantes para ele. Vamos agora pensar em algo mais amplo e diretamente ligado a Religião e a Politica, vamos pensar na questão da Igreja Norte-Rio-Grandense e o governo, para tanto utilizaremos os relatos da entrevista de Dom Eugênio de Aráujo Sales em 1963, tendo em vista que assim como Dom Marcolino e Otto Guerra ele foi muito importante para a história do Movimento.

Sabemos que a Igreja Norte-Rio-Grandense organizou varias ações sociais que deveriam ter sido feitas restritamente pelo governo, pois essa era uma entidade cujo objetivo era prestar assistência ao povo, contudo a Igreja tomou essa iniciativa, quando percebeu que o governo não estava em condições de cumprir com aquilo que era designado, não dava ao povo aquilo que eles precisavam, comumente ele favorecia aos mais ricos e esquecia dos pobres, isso era perceptível principalmente nas regiões do Nordeste que eram consideradas como subdesenvolvidas. Muitas vezes o próprio governo recorria a Igreja e esta não deveria deixar de prestar sua ação, pois a confiança que o povo tinha para com ela era imensa. (AMMANN, 2015, p.90).

Vale salientar que nesse discurso também existe um jogo de poder, é claro que a Igreja desejava cuidar de seus filhos, pois era sua missão, mas deve-se perceber que uma religião como o catolicismo tinha uma força grande em relação ao povo, principalmente no Nordeste e ao realizar um trabalho conjunto com o governo estaria fazendo um bem para ela mesma, faria com que a sua atuação e o seu controle em relação aos fieis aumentasse.

A igreja dava orientação de educação política para o povo, contudo não era seu intuito escolher lideres políticos para eles, o que se queria era que pudesse ter uma tomada de consciência de cada um para que assim pudessem escolher por livre e espontânea vontade quem achava mais digno de ter seu voto. A Igreja tinha certo medo de se prender a um grupo político, tanto que em suas relações prezava sempre a independência, ela nunca queria fazer um acordo que a mantivesse privada de suas ações. (AMMANN, 2015, p. 125. p. 129).

Michael Murphy em seu livro de entrevista feitas em 1963 intitulado "Dom Eugênio Sales em Natal: Fé e Política" pergunta para Dom Eugênio "Que relações a Igreja tem com o governo?" (AMMANN, 2015, p.55) Ele responde: "Variam de grande cordialidade ao frio extremo, dependendo do ocupante do poder. Mas em geral, não há harmonia. Entretanto, há muito mais contato entre Igreja e o Estado e muito mais trabalho conjunto do que você vai encontrar nos Estados Unidos ou em outros países similares ao Brasil, onde há separação entre Igreja e Estado." (AMMANN, 2015, p.55). Veja que ele coloca a situação dos Estados

Unidos pelo fato do entrevistador ser desse país, tanto que ao longo do livro ele faz algumas referencias como em questão do valor de dólar e dentre outras situações para que Michael tenha uma noção do contraste existente entre Brasil e EUA. Através da fala de Dom Eugênio, percebemos que este entendia que a ligação de Igreja e Estado era um pouco inconstante, mas que na maioria das vezes eles trabalhavam bem e em harmonia, tanto que ele vai falar posteriormente, ainda tentando responder essa pergunta que vários bispos nordestinos eram chamados para aconselhar o governo quando estavam planejando projetos que estivessem relacionados ao Nordeste.

Ele ainda enfatiza que em 1963 "o governo não mais ajuda oficialmente a Igreja ou o clero, mas tem programas de apoio a ações sociais e educacionais executadas pela Igreja em favor da população. Na verdade, eu acredito que muitos de nossos trabalhos sociais são demasiado dependentes da ajuda do governo. Estamos trabalhando para torná-los mais autossuficientes" (AMMANN, 2015, p. 56), ou seja, em diversos casos o Estado entrava com a ajuda financeira e a Igreja com as pessoas para trabalhar, principalmente os leigos que sempre se dispunham em servir à missão. Contudo não era o intuito da Igreja ter uma dependência financeira grande, pois faria com que ela se mantivesse presa ao Governo e quando precisasse tomar decisões e posições importantes e fortes não iria ter a liberdade que desejava.

Que possamos olhar para o Movimento de Natal não somente com o olhar religioso ou da caridade, mas passemos a ver os jogos de poder político existente dentro da Igreja Norte-Rio-Grandense naquela época, assim iremos entender que Religião e Politica não andam separadas como muitos intelectuais afirmam, elas andam juntas, de mãos dadas.

2.2. O QUE É O MOVIMENTO?

A igreja Católica vem vivendo um momento de destaque na mídia e na sociedade como um todo, isso se deve por conta de seu atual papa, Francisco, que foi eleito em 13 de março de 2013 e durante este período tem se mostrado uma das figuras de maior destaque do mundo, passando a ser bem visto até em outras religiões por conta de suas atitudes. Sempre simpático, carinhoso, de mente aberta, consegue revolucionar a sua igreja, dá atenção aos oprimidos, explorados, aqueles que estão a margem da sociedade, não guarda para si vaidades, mas mostra ao mundo que o ser humano, sendo católico ou não deve ser sempre humilde. Ele diz querer construir uma Igreja a serviço dos pobres, trazendo acolhimento e amor para todos, aberta e ao mesmo tempo seguindo suas doutrinas, mas sempre levando

consigo a vivência do Evangelho de Jesus Cristo. É indiscutível que esse Papa vem emprestando nova força à Igreja renovando-a e, conquistando fiéis que antes não conseguiam nela se encaixar por se pensarem excluídos.

Trago-nos aos dias atuais, não por querer falar da Igreja de hoje, mas para que comparemos as atitudes de Francisco com as da Arquidiocese de Natal no final dos anos 40, mais respectivamente em meados de 1948, quando em uma forma representativa deu-se inicio aquilo que vai ser chamado mais tarde de Movimento de Natal, uma ação politica, social e religiosa que mexeu com as estruturas da Igreja Norte-Rio-Grandense. Tal Movimento passou a dar espaço e acolher os oprimidos, quando uso essas palavras me refiro às prostitutas, mendigos, trabalhadores rurais e dentre outros que não eram bem vistos pela sociedade.

O Movimento de Natal não é muito trabalhado historiograficamente, contudo três obras foram feitas a seu respeito e guardam em si grandes preciosidades e é a partir delas que trabalharemos sobre este tema, tais obras são "Dom Eugênio Sales em Natal: Fé e Politica" que na verdade é um conjunto de entrevistas feitas por Dom Eugênio concedidas a Michael Murphy em 1963 e somente neste ano de 2015 foram publicadas pela Associação Brasileira das Editoras Universitárias (ABEU), "Igreja e Desenvolvimento" de Cândido Procópio Ferreira de Camargo (1971) e outra de mesmo titulo, cujo autor é Alceu Ferraro (1968). Gostaria antes de tudo de mostrar o que é esse Movimento para cada um desses livros.

Pensaremos primeiro na obra de Ferraro, "Igreja e desenvolvimento" que foi publicada em 1968, momento marcado pela Ditadura Militar e pelo AI-5, quando o Brasil mergulhou em uma ditadura completa e a censura e violência aumentaram. Neste instante em que os intelectuais brasileiros pensavam qual seria o caminho certo para desenvolver seu país, no caso de Alceu Ferraro, um padre formado em ciências sociais e perseguido pela Ditadura, percebemos que desde sua introdução ele deixa claro que irá construir seus objetivos pensando que era necessário entender a ação temporal da Igreja para compreender o desenvolvimento nacional.

Em relação ao conceito de Igreja, o autor entende que consiste basicamente em torno dos clérigos e secundariamente os leigos. Sua ideia de "Movimento" se caracterizou por ser uma ação conjunta entre evangelização e ação social, inspirado na obra Au Nord-Est du Brésil (1963) de Padre Alberto Collard (FERRARO, 1968, p.44). Tudo isso fazia com que ele pensasse o Movimento de Natal não como algo de caráter local, mas nacional, pois traduziria uma ação que toda a Igreja deveria trabalhar em termos religiosos, sociais e políticos.

O autor condiciona o Movimento de Natal às consequências da Segunda Guerra, falando que no seu pós o estado da cidade era de calamidade, evidenciando em sua narrativa

os clérigos para deixar em segundo plano o papel dos leigos, o que faz com que sintamos a carência do exemplo da presença deles no Movimento, pois por trás dos padres existiam vários leigos que trabalharam para fazer com que os projetos tivessem andamento.

Outro autor muito importante para se estudar o Movimento de Natal é Cândido Procópio Ferreira de Camargo, em sua obra "Igreja e Desenvolvimento", publicada em 1971. Camargo nos traz uma ideia do Movimento de Natal mais rebuscada e acadêmica do que a de Alceu Ferraro, isso se deve também ao fato de que sua publicação foi posterior, então ele já pode utilizar a pesquisa desse outro autor para enriquecer e facilitar ainda mais a sua, além disso, ele não possuía vínculos religiosos como Ferraro que era padre, sua visão é de alguém que é de fora do âmbito religioso, mas sua ligação com um Movimento gira em torno da dimensão sociológica, porque ele era um sociólogo e como tanto procurava entender a religião no processo de modernização da sociedade, tendo em vista que o mundo estava mudando, novas religiões apareciam e a Igreja Católica precisava se adaptar a isso, ela precisava progredir com as pessoas, pois muitos dependiam da religião para tomar um rumo na vida particular.

As propostas do autor são contribuir para o estudo da sociologia no meio religioso da sociedade contemporânea e estudar um caso em particular que se destacou nesse momento de alteração social, no qual ele destaca como sendo o Movimento de Natal, em que a Igreja entrou em um processo de consciência do mundo em que vivia e passou a organizar métodos para mudá-lo (CAMARGO, 1968, p.3).

Esta obra de Candido Ferreira se destacou em sua época sendo considerada ousada por envolver assuntos relacionados a sociedade e religião católica, o próprio ousou em sua carreira por fazer pesquisas envolvendo tal tema, pois era escasso o número de trabalhos publicados (CAMARGO, 1968, p.6), tendo em vista que muitos estudiosos não se importavam com a vida religiosa da população.

Cândido Ferreira nos fala que a denominação "Movimento de Natal" foi criada, ao que tudo indica, pelo Padre Tiago Cloin, contudo é necessário entender que na citação usada pelo autor há uma questão de interesses e poderes, no qual podemos ver a presença da força religiosa no Movimento dando uma evidência a mais para a Igreja e ao seu trabalho pastoral, além disso, ele acentua sua importância em nível nacional. Vale ressaltar que esse nome "Movimento" foi derivado e ganhou grande aceitação através da obra de Alceu Ferraro (1968) e, Cândido se utilizou desse termo para realizar seus posicionamentos.

Constantemente o autor destaca o conceito de Movimento que envolve sempre o lado da sociedade como sendo "uma das alternativas desenvolvidas na sociedade brasileira para se

tomar consciência da realidade nordestina e explicitar um modelo prático de ação social" (CAMARGO, 1971, p.78). Ele consegue assimilar o "temporal" e o "pastoral" como estando diretamente ligados e tendo uma grande importância, contudo percebe-se que ele evidencia muito o aspecto temporal, como pode ser visto nessa citação "Características do Movimento, entretanto, é a inclusão necessária de problemas sociais – de preocupação com o temporal – como aspectos essencial de suas finalidades e objetivos de ação" (CAMARGO, 1971, p.78). Um desses problemas temporais que ele utiliza bastante ao longo da obra é a questão da miséria, na qual a condição humana estava intolerável e seria preciso fazer algo, e a Igreja se comoveu com isso passou a dar importância não só a alma, mas também ao corpo. Sendo assim o aspecto temporal, a constante importância com o lado social e o desenvolvimento do sentimento de fraternidade foram pontos essenciais do Movimento.

O autor afirma que essa ação social promovida pela Igreja não aconteceu por conta do medo do comunismo nem a vontade de manter a quantidade de fieis, mas para cuidar na situação em que vivia o ser humano, sendo assim o sentido de caridade se intensifica.

Algo que Cândido Procópio destaca a cerca do Movimento foi o posicionamento de algumas pessoas entrevistadas para sua pesquisa e, através disso, ele percebeu que criticas foram formadas como a proveniente de um grupo que considerava o Movimento como sendo social e mundano que deixava de lado a religião e se ligava ao comunismo.

O segundo grupo de criticas diz que "o Movimento é teologicamente retrógrado e politicamente reacionário, enganando os trabalhadores nordestinos com fórmulas conciliatórias e de compromisso" (CAMARGO, 1970, p.97), apesar disso sabemos que o movimento tanto foi social como religioso, ele soube fazer essa conexões que de muito serviu para a população da cidade e do interior que viviam em péssimas situações.

De fato há uma diferença muito grande entre os dois autores: Ferraro tenta escrever um Movimento que dá evidencia a Igreja em contrapartida Camargo faz algo voltado para o âmbito social e sempre justifica o movimento por esse olhar, além disso, em sua obra é possível entender melhor a vida do leigo, principalmente pelas citações retiradas das entrevistas.

Uma figura muito importante no Movimento de Natal foi Dom Eugênio de Araújo Sales, ou simplesmente Padre Eugênio, como era chamado na época, ele é o centro das entrevistas que compõem o outro livro de nossa analise, cujo nome é "Dom Eugênio Sales em Natal: Fé e Política".

Dom Eugênio fala do Movimento partindo da premissa da situação humana que viviam na época, caracterizando-a como sendo degradante, pois o índice de fome,

mortalidade, bandidagem, insegurança, péssimas saúde era enorme, ele defendia que o bom cristão deveria olha para isso e agir assim como Jesus Cristo agiu no Evangelho, a Igreja deve centrar no bem estar do povo, pois se isso não acontecesse eles não estariam fazendo sua missão, como ele mesmo acentua "O homem que está sofrendo de uma dor de ouvido não pode ouvir a minha palavra e quem tem estômago vazio e revolta em seu coração, não está em condições de ouvir a mensagem de Jesus" (AMMANN, 2015, p. 132), sendo assim era obrigação da Igreja cuidar desse povo e realizar uma jornada parecida com a de Cristo, dando lugar e voz ao povo, falando a mesma linguagem que eles falavam, foi desse sentimento que surgiu o Movimento de Natal, o que parece ser não só social, mas fortemente pastoral, pois envolvia a Igreja e o Evangelho de Jesus Cristo.

Percebe-se também que o Movimento para Dom Eugenio não trata somente desses dois últimos aspectos citados, ele acredita que a Política é algo imprescindível, tanto que o próprio nome do livro já nos dá uma ideia disto "Fé e Política". O Movimento de Natal não foi somente uma ação de fé (pastoral), nem tão pouco se restringiu ao lado social, mas também se envolveu com o politico, o próprio conceito que já falamos no tópico anterior traduz isso, Religião e Política são espécimes aliados, não separados, contudo a politica para o Movimento de Natal não se relacionava a grupo político, ele deixou bem claro em um de suas respostas a sua posição diante disto "Nossa abordagem geral é a de não ter medo de colaborar com o governo por causa de sua política. Mas, ao mesmo tempo, com o cuidado de preservar uma independência absoluta com relação à politica. E não fazemos qualquer acordo que comprometa a Igreja ou nos prenda a um grupo politico." (AMMANN, 2015, p. 129).

Na verdade o Movimento queria ajudar na construção da conscientização politica do povo, quando agiam nos sindicatos, nas cooperativas e na própria educação, eles desejavam formar as pessoas a passar a ler o mundo e entender que eles também eram sujeitos que se envolviam na política.

É muito interessante notar a força que a evangelização tinha no movimento, ela era considerada um de seus objetivos "O objetivo de todo o Movimento de Natal é a evangelização." (AMMANN, 2015, p.133). Algumas ações do Movimento pareciam ser só sociais, ou só políticas, mas num conjunto traduziam a luz da evangelização que a Igreja queria pregar.

Sabemos o que foi o Movimento agora pensemos em uma trajetória de acontecimentos, como ele caminhou e se difundiu chegando a influenciar projetos nacionais e intimidar curiosos que vinham de outros países só para vivencia-lo. Para falar a respeito disso

escolhemos nos basear pela obra de Alceu Ferraro, mas antes saibamos que ele estruturou o Movimento seguindo duas fases a urbana e a rural, tanto que ele as divide por capítulos.

O inicio do Movimento se deu pelas reuniões mensais e privadas de seis padres, além disso, havia a equipe de militantes da Ação Católica e os leigos de bom nível intelectual. Quando o movimento foi se desenvolvendo ganhou proporções que atingiram o meio rural, surgiu então o Serviço de Assistência Rural (SAR) para auxiliar os trabalhadores e moradores do campo, neste momento vários líderes são formados, centros de treinamento erguidos e as pessoas passam a ter uma assistência médica e de trabalho mais digna.

O Movimento de Natal foi divido por Alceu Ferraro em duas fases, a urbana e a rural para termos um panorama histórico sobre ele utilizaremos essa divisão. No que diz respeito à fase urbana podemos destacar elementos que foram extremamente importantes para que ela acontecesse, um deles foi a ação de padre Nivaldo juntamente com a Juventude Feminina Católica (JFC) e o dinamismo de padre Eugênio com a Juventude Masculina Católica (JMC). A fundação da Escola de Serviço Social que nasceu por uma associação entre a Legião Brasileira de Assistência (LBA) e a JFC, também é outro aspecto que favoreceu o desenvolvimento desta fase, neste instante já percebemos uma união entre Igreja e Estado, pois de certo modo o Estado não tinha as ferramentas necessárias para pôr seus objetivos em prática e como em outros momentos da história ele acabou recorrendo a Igreja. Ainda sobre a ação da JFC, elas atuaram em bairros como o de Lagoa Seca, que estavam consumidos pela pobreza, construindo o Centro Social Cônego Monte. Nas Rocas fizeram o Centro Social Leão XIII em 1947. Em Nova Descoberta deram inicio ao Centro Social D. Marcolino Dantas.

No que diz respeito ao desempenho de padre Eugênio e os garotos da JMC percebemos que há uma forte linha de ação nas cadeias, tanto que muitas pessoas alegam que o Movimento nasceu nas cadeias, pois os jovens fizeram uma associação com a Assistência Social Penitenciária (ASP). A JMC também agiu na periferia, principalmente em Morro Branco, onde não havia educação, higiene e, segundo Ferraro, até a religião estava fraca. Esse aspecto de ajudar essas regiões da cidade que se encontravam em uma situação de miséria e estavam ao redor da cidade nos faz concluir que a Igreja passou dar mias atenção às periferias, lugares em que os mais pobres habitavam, pois, durante esse período, o sentimento de fraternidade e caridade se tornaram pilares importante na ação da Igreja fazendo com que ela desenvolvesse essas ações sociais. Outro lugar em que eles agiram foi na “Vila dos Podres” no Bairro do Carrasco. Em 1948 a JMC inaugurou o Patronato de Ponta Negra com uma ação do Serviço de Assistência a Menores (SAM). Na obra do “Bom Pastor” eles realizaram uma

ação que visava ajudar na mudança de vida do que então eram chamadas “menores transviadas”.

No que se trata da fase rural, há uma movimentação da Igreja com a educação de base, na qual os padres realizam um trabalho que envolve a Escola-Paróquia que é fundamentada nos seguintes aspectos, Líder, Grupo, Comunidade. Os padres perceberam a necessidade de expandir os trabalhos do Movimento para o meio rural, sendo assim o espaço no qual o movimento atua vai mudando de cenário, ele não mais se centra no urbano e por conta do combate contra o êxodo rural e os problemas que essa região sofria a igreja volta suas atenções para esse espaço.

Deste ponto em diante portas foram abertas para a criação do SAR em 1949 com a ajuda da Juventude Masculina Católica (JMC). Uma ideia que foi aplicada neste momento, mas que é anterior ao Movimento foi o “Volante da Saúde”, na qual médicos e dentistas percorriam o meio rural para dar assistência aos necessitados. Também pensavam em uma ação envolvendo a educação no rádio. E aos poucos o SAR iniciou suas atividades com a Semana Rural e a Missão Rural. Em 1963 o SAR era dividido por setores, o de conscientização e educação, pelo qual estava contida a Escola Radiofônica que vinha a se tornar o MEB, migração, centros sociais, treinamento de lideres, ensino médio e politização. No segundo setor que era o de ação imediata encontramos Cooperativismo, sindicalismo rural, colonização, artesanato e saúde. (FERRARO, 1968)

Ao decorrer do Movimento de Natal muitas ajudas vindas de outros países foram recebidas e isso possibilitava a realização dos trabalhos de forma mais rápida, os recursos eram provenientes em grande parte da Misereor, uma organização dos Bispos alemães, Adveniat, também alemã, da Caritas, vinda de bispos americanos, além disso, haviam doações individuais vindas da Bélgica, dos Estados Unidos, do Canadá e de outros países (AMMANN, 2015, p.149)

CAPITULO II

3. DO SAR AO MEB

3.1. O SERVIÇO DE ASSISTÊNCIA RURAL (SAR)

Todo o Nordeste brasileiro vinha passando por problemas, a miséria assolava as áreas urbanas e rurais, mas principalmente esta última vivia em uma situação difícil, para enfrentar esses problemas no nosso estado, a Arquidiocese de Natal organizou o Serviço de Assistência Rural (SAR), este era um serviço que estava preocupado em chegar até o povo rural, não importando qual a religião que eles seguissem, mas sim tentando ajudá-los para suprir suas necessidades. A iniciativa partiu de Padre Eugênio e quadro membros da Ação Católica, incluindo três alunos da escola de Serviço Social. Logo, resolveram realizar a primeira Semana Rural no Nordeste, mais precisamente em janeiro de 1951, ela foi um marco para a história do Movimento, pois representou o inicio do SAR. Traçaram então o perfil do camponês, convidaram especialistas em problemas rurais do Estado e algumas instituições para se reunirem e formar um plano de ação. (AMMANN, 2015, p.96).

De fato o SAR tinha como objetivo o desenvolvimento da área rural, organizaram a partir da Semana Rural, as missões rurais móveis, conhecidas como “Volante da Saúde”, na qual médicos, assistentes sócias especialistas em agricultara e dentistas passavam pelas cidades do interior atendendo o povo, tais visitas eram combinadas antes pelos párocos das comunidades e este preparava o povo para a chegada da equipe. Nessas comunidades pessoas eram indicadas para passar por um curso de liderança, esse primeiro curso aconteceu em 1952, teve duração de 15 dias e a presença de 57 jovens mulheres e os assuntos giravam em torno de família, escola, paróquia e comunidade. Dom Eugênio fala que o SAR foi crescendo e em 1964 contava com 16 departamentos e uns 200 funcionários. (AMMANN, 2015, p.98)

Alceu Ferraro (1968) acentua que o desenvolvimento do SAR se fixou no binômio Escola-Paróquia que tinha como objetivo “Promover o levantamento e a mobilização dos recursos locais com o fito de organização da comunidade” (p.77). Este queria dar àquela população um bom acesso a educação, estimulava a presença dos alunos, realizava reuniões com os pais, dava cursos de aperfeiçoamento para os professores, e vale salientar que esses não tinham muito prepara, na maioria das vezes não possuíam nem o primário completo e tudo isto era realizado segundo uma ponte entre a paróquia e a escola.

Deu-se enfoque também ao tripé líder, grupo e comunidade e infelizmente isso não funcionou como o desejado, muitos grupos não aguentavam por muito tempo e se dissolviam e depois ressurgiam novamente, era uma situação inconstante. Em 1952 o povo passou a ter treinamentos mais elaborados, pois foi feito um acordo com a o coordenador da Campanha Nacional de Educação Rural que visada uma assistência técnica e financeira para os projetos do Centro de Treinamento e para o programa das Missões Rurais. Nesse Centro de Treinamento de Lideres foram realizados 34 treinamentos chegando a participar 757 pessoas, isso de 1952 a 1964, então vários cursos foram realizados, desde corte e costura até combate a formiga e lagarta, o SAR conseguia realmente chegar ao meio rural, fazendo visitas com atividades recreativas em sítios, vilas e etc. (FERRARO, 1968, p.79-80)

Sendo assim nesse momento inicial foi feito o trabalho de educação de base através do binômio Escola-Paroquia e com o tripé Lider, Grupo e Comunidade. Os padres da paróquia e o próprio Bispo davam suporte, mas eram o povo das comunidades que seriam formados para passar a informação para outros, além disso, a Ação Católica, a Escola de Serviço Social e CNER, também davam suporte para o povo, alguns através de dinheiro, outros de formadores. (FERRARO, 1968, p.81)

O SAR era dividido em dois setores, o Conscientização e Educação e de Ação Imediata, este ultimo abarcava os Sindicatos dos Trabalhadores Rurais, Cooperativas, Artesanato, Saúde, assim como as maternidades, colonização e os assuntos referentes a Reforma Agrária. Em relação ao Setor de Conscientização e Educação ele abrangia a Educação politica, centros sociais, assistência aos migrantes, Escolas Radiofônicas, treinamento de lideres e ensino médio. (FERRARO, 1968, p.101).

Enfim a atuação foi enorme e pretendemos agora falar brevemente a respeito de cada ponto desses.

Começaremos falando sobre os Sindicatos, a Igreja era a única instituição no Brasil que tinha forças e influência suficiente para erguer esta área dando atenção para eles, pois percebeu que ela não era uma área bem organizada, nem reconhecida no Brasil, e seria um meio de influenciar e chegar a massa rural da população, além disso, estariam ajudando no desenvolvimento do nordeste e da vida do homem rural, sendo assim juntariam o útil ao agradável.

Para Dom Eugênio (2015, p.113-114) o objetivo do sindicalismo rural era melhorar a condição dos trabalhadores rurais, focando também nos direitos humanos, na melhoria de salários, condições de vida, saúde, escolaridade e segurança social. Ressaltamos que não eram

associações religiosas, mas sua prática girava em torno da luta, os homens eram preparados para lutar por seus direitos.

O sindicalismo foi de grande importância para o SAR, contudo, sofreu várias criticas no que se refere à associação deles as Ligas Camponesas e ao comunismo, hoje, através de Alceu Ferraro (1968, p.91) sabemos que isso não se liga, mas o sindicalismo estava conectado ao Movimento e aos seus ideais pregados nele , assim como também a Reforma Agrária e a atenção que o SAR proporcionava ao povo rural. Rapidamente o número de sindicatos, que era quase inexistente no Brasil, cresceu de uma forma incrível e isso causou espanto e medo aos políticos, pois eles perceberam que o povo estava acordando e lutando por seus direitos.

Algo que se conecta ao sindicalismo eram os assuntos referentes a Colonização e a Reforma Agrária, no Rio Grande do Norte segundo Dom Eugenio (2015, p.127) a Igreja tinha uma associação com o governo para agir em vales úmidos e férteis, eram aproximadamente cinquenta famílias que viviam nesse local, o vale do Punaú, era um desses que recebia o auxilio do governo e da Miserior, em 1964 eram aproximadamente cinquenta e uma famílias que habitavam esse ambiente. A Colônia de Punaú era um projeto piloto de modelo para a reforma agrária, que o governo deveria adotar em todo o Brasil, pois a Igreja lançava ideias, iniciais e o governo deveria dar continuidade, formulando novas legislações e políticas de Reforma Agrária. Dom Eugênio via a Reforma como uma forma de auxilia a população rural e até mesmo de melhorar o ambiente político do Brasil. E o incentivo para a colonização de locais como Púnau era um meio de popularizar esses vales úmidos e férteis.

Outro ponto interessante que o SAR estimulou foram as cooperativas, nas quais pessoas se ligavam por associações tendo interesses, principalmente econômicos iguais, todos colaboravam, respeitavam seus direitos e deveres. No Rio Grande do Norte, elas se desenvolveram reunindo as organizações católicas da Diocese para formar a cooperativa e em seguida organizaram cooperativas que trabalhassem com as pessoas da mesma comunidade. Para explica a causa da existência dessas cooperativas, Dom Eugênio, utiliza a seguinte justificativa “Vou dar um exemplo. Cada comunidade promove uma festa anual, quando recolhe contribuições financeiras para a paróquia. Se todas elas colocarem esses recurso em uma só Cooperativa de Crédito arrecadariam uma soma bastante grande. E se as instituições e escolas da Diocese depositam seus fundos nessa mesma instituição de crédito, ao invés de os colocarem em bancos comerciais, as possibilidades se multiplicam” (AMMANN, 2015, p.116)

Segundo Sales através disso, os resultados obtidos foram excelentes, pois possibilitaram aos leigos e padres as compras de materiais que antes não eram possíveis de

serem comprados, o próprio SAR se utilizava desse fundo quando não tinha recursos. Sendo assim essas cooperativas multiplicavam a força do povo, melhorando sua vida.

Sales salientava que existia uma diferença entre as cooperativas de teor político e do religioso, muitas vezes essas primeiras eram utilizadas para promover partidos políticos e acabavam até mesmo realizando ações abusivas, enquanto a religiosa, não estava conectada a política nem se preocupava tanto com a situação da religião, pois procurava atender a católicos e não católicos. (AMMANN, 2015, p.116).

As cooperativas promovidas pelo SAR realizavam um papel extremamente importante, dando suporte financeiro para o povo e principalmente os trabalhadores rurais. Como em todos os outros setores de atuação este também era dirigido por leigos e os padres só apoiavam moralmente, os seus líderes eram formados por cursos aplicados pelo Serviço e as decisões a serem tomadas sobre o futuro das cooperativas eram pensadas no coletivo, pois visavam a democracia e os direitos iguais.

Implantaram também o Artesanato, que inicialmente estava ligado ao cooperativismo. Visando a instrução feminina de artesã, pois era perceptível que na área rural existia uma abundante mão de obra e de matéria-prima. Posteriormente fundaram um Setor de Artesanato, que especificava suas atenções para treinar e comercializar tudo o que era feito. (FERRARO, 1968, p.89). Eram proporcionados cursos para que, principalmente as mulheres fossem formadas, tendo que vista que elas tinham um tempo livre maior, para realizar isso era utilizado um material que era abundante na região, ou seja, não pagariam caro para tê-lo e nem seria difícil e acabavam gerando renda para uma família que vivia passando por dificuldades.

Sabemos que, naquela época, a situação da assistência médica no meio rural era precária, como é até hoje, mas antigamente não se tinha conhecimento de doenças, tratamentos, cuidados particulares, enfim a informação não chegava até aquele povo e eles teriam que conviver com um alto índice de mortalidade e de pessoas doentes. Para corrigir essa situação a Igreja organizou cursos que orientava a utilização das práticas higiênicas, como a construção de fossas, sanitários, de vacinação, passou até nas cidades do interior, como já acentuamos anteriormente, com médicos e dentistas fazendo consultas grátis e dando uma melhor orientação, tal ato foi comumente conhecido como “Volante da Saúde” e era organizado através de uma ponte feita entre o SAR e o pároco do local que iria ser visitado, este preparava as pessoas para receberem essa assistência.

Outro ponto ainda ligado a saúde é a construção das maternidades, tendo em vista a maior assistência da mulher, sua orientação, conforto e se preocupando com sua vida, o SAR

organizou as maternidades, pois percebeu que muitas mulheres morriam ou perdiam seus bebês durante o parto que geralmente era feito por uma parteira sem nenhuma instrução médica.

Saindo do setor de ação imediata e partindo para o de Conscientização e Educação, temos aqui uma preocupação com a mentalidade do homem rural, com o que ele vai pensar e consequentemente ser no futuro, pois muitos julgavam os por ser seres “burros”, sem nenhuma preparação e instrução, contudo o SAR via naquele povo um meio de vencer esses estereótipos e fazer com que eles crescessem socialmente, fisicamente e conscientemente. Sabemos que dentro deste setor existe a migração, os centro sociais, treinamentos de lideres, ensino médio e Escolas Radiofônicas.

O SAR dava atenção para os povos migrantes, principalmente no que diz respeito a regulamentação da documentação das famílias, pois isso faria com que no futuro quando eles precisassem de encontrar um emprego, conseguiriam mais rapidamente. Eles recebiam os migrantes, protegiam, ajudando a facilitar sua vida, eles estendiam a mãos para um povo que vinha de outro local em busca, na maioria das vezes, de trabalho, e quando chegavam aqui sofriam com a exploração de seus patrões, mas felizmente tinham o SAR para agir contra as práticas que afetavam os direitos humanos desse povo.

Em relação aos centros sociais eles davam toda a assistência nas paróquias, dando como acentua Dom Eugênio “maturidade as comunidades”. Esses centros proporcionavam uma abertura para a saúde, educação, manutenção da cidade, mostravam ser um meio dar uma maior assistência ao povo e estimula-los a realizar certas atividades que envolvessem o bem de todos os moradores, eles concentravam as ações sociais realizadas pelo SAR e estimulavam o povo, exemplos de centros bem utilizados eram o da freguesia de São Paulo do Potengi, vale salientar que eles não atuavam somente no meio rural, mas no urbano também, vários centros importantes foram formados na cidade de Natal. As diversas atividades desempenhadas pelos centros poderiam girar em torno de reflorestamentos, como no caso de São Paulo do Potengi que foram plantadas cerca de cem mil arvores para servir de alimentos para os bois e para a própria imagem da cidade, além disso, também poderia agir na área da saúde estimulando a presença dos médicos e dentistas e no meio cultural e educacional. Os centros levavam para o povo a oportunidade de ter acesso àquilo que necessitavam. (AMMANN, 2015, p.125).

Já falamos a respeito sobre os treinamentos de lideres, vamos salientar agora a sua figura e até mesmo seu objetivo que girava em torno da conscientização do povo, pois com ele a Igreja poderia chegar até os outros, ou seja, como se a ação e a difusão da consciência

das mentalidades aumentasse. Sendo assim a figura do líder foi de extrema importância para o afloramento da conscientização. E o interessante de se perceber, é que eles conheciam a realidade do povo rural, pois fazem parte desse meio, eles eram escolhidos dentre vários outros para passar pelos cursos que poderiam durar em médio duas ou três semanas, saindo de sua realidade para passar esse tempo no Centro de Treinamento que era localizado perto de Natal. Eles iam ensinar aquilo que haviam aprendido durante o curso. (FERRARO, 1968, p.80)

Chegamos agora nos pontos mais interessante para este trabalho, nos quais daremos maior atenção são eles, as Escolas Radiofônicas, a Conscientização e a Politização, este primeiro, trataremos neste mesmo capítulo, quando ao segundo e o terceiro cuidaremos deles de uma forma especial no próximo. Mas para entender as Escolas e utilização delas pelo MEB é necessário que falemos de alguns assuntos como a situação do analfabetismo e da Educação de Rádio, assim teremos arcabouço suficiente para entendê-las.

3.2 OS PROBLEMAS QUE O ESTADO PASSAVA – TAXA DE ANALFABETISMO

O Movimento de Natal movimentou todos os aspectos sociais e dos que chamou bastante atenção foi seu enfoque na educação. Sabemos que o analfabetismo no Brasil é um problema que caminha conosco há muitos anos atrás. A própria UNESCO, diagnosticava um acentuado índice de analfabetismo, principalmente entre os adultos, em locais que eram considerados por ela como regiões atrasadas, que recebiam essa denominação por conta da situação de seu espaço e da própria estrutura das famílias, pois não conseguiam estudar e ter uma melhoria de vida (FAVERO, 2006, p. 22-23), contudo podemos acentuar algo curioso: as décadas de 1950 a 1960 são especiais, devido ao número de analfabetos que nos seus anos anteriores estava elevado e foi caindo. Para ter uma noção quantitativa, Alceu Ferraro em seu livro ‘História inacabada do analfabetismo no Brasil’, levanta números interessantes: “a década 1950/60 apresenta uma redução de 11,8 pontos percentuais na taxa percentual de analfabetismo (de 51,5% para 39,7%): uma redução 2,3 vezes superior à verificada na década anterior.” (FERRARO, 2009, p. 92).

Uma das justificativas para que isso tenha acontecido foi por conta da criação dos programas nacionais de educação de adultos. Segundo o historiador da educação Osmar Fávero (2006) cada programa feito deveria ser pensado a partir dos problemas da maioria da sociedade, sendo objetivos e práticos, pois deveriam facilitar e focar no desenvolvimento do povo. A partir disto foi criado no Brasil a Campanha de Educação de Adolescentes e Adultos

(CEAA - 1947). Ela foi o primeiro grande movimento de alfabetização de massa do Brasil, sendo substituída pela Campanha Nacional de Educação Rural (CNER – 1952) que tinha por objetivo expandir a educação para o âmbito rural e o Sistema Radio Educativo Nacional (SIRENA - 1958), estando a Igreja Católica atuante nesses projetos.

Outro fator que pode ter justificado a redução do índice de analfabetismo funcional foram as mudanças ocorridas na Campanha Nacional de Alfabetização de Adolescentes e Adultos (CNAA). Ela surge por meio de uma articulação do MEC com as editoras e com a Igreja Católica, disseminando a perspectiva de conscientização e politização das massas através dos livros didáticos e da implantação das Histórias em Quadrinho. Além disso, investiam na necessidade do emprego de mais professores e na abertura de outros cursos de alfabetização. O investimento nos quadrinhos e as demais novidades da CNAA, segundo Renato Amado (2015, p.3) seria uma nova perspectiva de educação de massa que se unia as ações da educação de rádio promovidas pela SIRENA e viria a anteceder o que o Movimento de Ação e Base (MEB) promoveria em 1961.

Além disso, o conceito de analfabetismo no censo de 1960 mudou, quando pensavam em analfabetos não mais perguntavam “Sabe ler e escrever”, questionavam somente “Sabe ler?”, sendo assim a taxa da queda também pode ter como justificável este aspecto, contudo é mais justificável pensar na queda do analfabetismo através dos programas que foram apoiados pelo governo em prol a população analfabeta que era considerada “marginal, incapaz, dependente” (FERRARO, 2009, p. 94).

Devemos ter em mente que na década de 1950/60 o Brasil foi marcado pela presença de movimentos sociais ligados ao analfabetismo e a alfabetização, como a CEAA, CNER, SIRENA, CNAA e o MEB que visavam o desenvolvimento do homem, pensando nisso trabalharemos nos próximos tópicos as origens do conscientizar e do politizar tomando como estudo de caso as Escolas Radiofônicas do Rio Grande do Norte. Estas são consideradas as raízes do MEB e nasceram durante o Movimento de Natal, que como vimos mostrou ser um movimento social católico gerado após a Segunda Guerra Mundial.

3.3. ESCOLAS RADIOFONICAS – As origens do MEB

3.3.1. EDUCAÇÃO DE RÁDIO

Antes de começarmos a falar sobre as escolas radiofônicas é necessário nos situarmos sobre a situação da educação de rádio. Em um país imenso como o Brasil a disseminação de

informações poderia ser uma barreira em tempos anteriores, contudo tal problema poderia ser resolvido com o uso do rádio, este meio de informação seria empregado também para promover ações educativas, principalmente em lugares que faltavam professores, como nos casos das cidades rurais. A história da educação por rádio vem muito antes da criação do Movimento de Educação de Brasileira (MEB). Segundo Osmar Fávero (2006, p.33), em 1926 Roquette Pinto[8] elaborava um plano de rádio-escola na capital de estado que seria o centro e nos municípios haveria rádio-escolas municipais retransmissoras. Em 1934 foi criada a primeira radioescola municipal e em 1937 para ampliação do capital foi feito uma transferência de bens da Rádio Sociedade Do Rio de Janeiro, dirigida por Roquette Pinto com o Ministério da Educação e Saúde que criou a PRA -2, Rádio Ministério da Educação e o Serviço de Radiodifusão Educativa (SRE).

Em 1950 Benjamin do Lago[9] ampliou uma campanha de educação popular pelo rádio, no qual se existia dois princípios o rádio e uma rede de núcleo receptor, que tinha o papel de uma escola. Em 1957 foi contratado pelo Ministério da Educação e Cultura o professor João Ribas da Costa que organizou o Sistema Radio Educativo Nacional (SIRENA) funcionando em 1958, esse programa gravava as aulas e distribuía para outras emissoras e editava a Radiocartilha. Ele se desenvolve tanto que chegou ao interesse das emissoras católicas, a partir disto elas passaram a fazer convênios, mas a pergunta que surge em nossa mente é como eram organizadas as escolas através dessas coadunações? “O mecanismo normal para criar escola consistia na distribuição de receptores pelos párocos, que se encarregavam de escolher e apoiar os monitores” (FAVERO, 2006, p.37).

Esses passos deram abertura para a ação do MEB, sendo assim a atuação do rádio como ferramenta de difusão da educação e da conscientização humana tem raízes muito anteriores a 1961 e a sua articulação com o governo também segue essa linha juntamente com o trabalho conjunto entre Igreja Católica, governo e rádio organizado em 1958.

3.3.2. UMA PROFESSORA INVISÍVEL

As Escolas Radiofônicas no Rio Grande do Norte surgem de uma iniciativa feita por D. Eugenio de Araújo Sales, após ter viajado para a Colômbia ele percebeu que a experiência

---

[8] Fundou juntamente com Henrique Morise a Rádio Sociedade do Rio de Janeiro. Elaborou o primeiro plano para solucionar o problema da educação através do rádio. Atualmente é considerado o pai da radiodifusão no Brasil.

[9] Professor que empenhou seus estudos na área de radiodifusão.

de rádio na paróquia de Sutanteza foi bem sucedida, então em setembro de 1958 por meio do SAR elas foram fundadas, para que isso fosse possível deveria existir o rádio, a professora, o monitor e em 20 de setembro de 1958 a primeira aula foi emitida por Carmen Fernandes Pedroza[10]. Desejavam ardentemente alfabetizar e conscientizar o povo rural, sendo assim, formaram inicialmente 69 escolas radiofônicas.

Os locais de estudo poderiam ser um sitio, em um alpendre, terreno, na casa do monitor, ou nos conhecidos barracões que eram estruturas feitas pelos próprios alunos com matéria prima providenciada por eles, geralmente eram utilizavam palhas de coqueiro e madeira, o que importava era ter uma lamparina, um rádio e a força de vontade para aprender. As aulas aconteciam durante a noite, pois esse era o horário mais propicio para os trabalhadores, tendo em vista que a grande maioria passava o dia realizando suas atividades rurais e quando chegava a derradeira hora de estudar se dirigiam até o local e se reunião ao redor do rádio, esses eram trazidos da Holanda se caracterizavam por ser objetos enormes. (AMMANN, 2015, p. 102-106).

Muitas dificuldades eram sentidas pelos alunos, as salas não eram muito confortáveis, diversas vezes era necessário que eles levassem seus próprios acentos para que pudessem realizar suas atividades sentados. A iluminação, apesar de existir as lamparinas, não era boa, o que dificultava na visão dos alunos. Além disso, outra dificuldade sentida por eles era a distancia e o meio de locomoção, muitos moravam distantes do local da aula e tinham que ir a pé e ainda havia o cansaço, pois os alunos passavam o dia inteiro trabalhando em atividades pesadíssimas e quando chegavam a noite ainda tinham energia para ir estudar, de fato a força de vontade deles era enorme, não existia cansaço nem dificuldade que os impedisse de aprender a ler e escrever. (AMMANN, 2015, p.102-106).

Os monitores eram pessoas escolhidas pela comunidade que realizavam uma ponte entre os alunos e os programas disponíveis pela Emissora de Educação Rural, deveriam auxiliar a professora invisível[11], não faziam nada esperando retorno financeiro, tudo era feito por livre e espontânea vontade e, por amor pelos alunos, possuíam uma grau de escolaridade baixo, mas ainda assim mais elevado quando comparamos com os outros. Para entender como era o seu trabalho, antes de tudo o padre sondava a região para ver os possíveis monitores e assim, indicavam seu nome, eles eram convidados e deviam acolher os alunos em um

[10] Na época era mestra do município de Natal e professora dos colégios públicos Escola Normal de Natal, Escola Industrial de Natal e Atheneu Norte-Rio-Grandense.

[11] Termo utilizado por algum alunos para exprimir seu sentimento em relação a professora que falava através do rádio, ou seja, eles não a enxergavam, mas ouviam sua voz e seguiam suas instruções recebendo a ajuda da monitora.

determinado local, organizar o ambiente com o que fosse necessário e dentro de suas condições, dar assistência aos alunos tirando suas dúvida, e realizando as orientações que eram dadas pela professora do rádio, de fato, o monitor dinamizava as aulas, pois fazia o papel da professora física, enquanto que o rádio realizava o da professora invisível. Também cuidava das chamadas de frequência, quando necessário deveria participar das formações e cursos disponíveis pelos organizadores da equipe de Natal. Escreviam cartas falando a respeito da situação dos alunos e das aulas, sendo assim o monitor desempenhava um papel extremamente importante, ele era a ponte entre os alunos e a Emissora.

As escolas radiofônicas foram atingindo seus objetivos e tomando proporções enorme, fazendo com que os alunos desenvolvessem cada vez mais seu grau de educação, chegando a um ponto em que não mais se satisfaziam com os programas de alfabetização, foi tomada então a decisão de criar outra turma, não mais se tinham como objetivo somente ensinar a ler e escrever, mas também retirar temáticas relacionadas a vida deles que deveriam ser debatidas fazendo com que eles conseguissem ler o mundo ao seu redor tomando consciência e politização. (PAIVA, 2009, p.56-57).

Os alunos enviavam muitas cartas para a central falando a respeito do programa, elogiando, tirando duvidas e para criar um dialogo entre ambos foi fundado outro programa chamado "Conversa monitores e alunos", neste a equipe central respondia as cartas enviadas. Ampliaram também o número de pessoas trabalhando, as áreas de abrangência dos programas e as formações para os monitores, contudo a situação era precária principalmente para que os formadores pudessem se locomover, mesmo assim ninguém desistia de continuar lutando pela educação do povo rural. No inicio da década de 60 as Escolas Radiofônicas não tinha recursos suficientes para andar com suas próprias pernas e precisavam da ajuda de outros setores do SAR para se sustentar. (PAIVA, 2009, p.57).

Portanto, nos deparamos com um Movimento de Natal que deu origem as escolas radiofônicas e essas passaram a ter um objetivo de ensinar a ler, escrever e a pensar, ou melhor conscientizar e politizar aqueles que não tinha acessibilidade à esse tipo de formação, a partir destes pensamentos surge um Movimento de âmbito nacional chamado MEB que consegue caminhar com as ideias iniciais das simples escolas radiofônicas.

3.4. O MEB

> "Analisando-o por Estados, porém, encontramos dois brasís: o sul, em vias de desenvolvimento, e o norte, o centro-oeste e o grande nordeste que apresentam ao desenvolvimento conjunto do país uma grande reseva de marginais, sub-desenvolvidos, sub-alimentados, analfabetos, elevado índice de mortalidade infantil, baixa renda per capita, baixo padrão de vida e grande parte da população, sobretudo rural, vivendo, ainda, em um regime patriarcal." (MEB, 1961, p.1)

Esse é o parágrafo de abertura da introdução das apostilas de documentos legais do MEB, encontrada para a consulta no site do CEDIC. É dessa premissa que o governo resolveu fundar o Movimento de Educação de Base, foi segundo essa visão de Brasil que eles agiram. Entenderam que a única saída para mudar esse quadro seria investir em educação e na conscientização do povo.

Como vimos na cidade de Natal as escolas radiofônicas tiveram um bom desempenho, segundo o livro Escolas Radiofônicas de Natal organizado por Marlúcia Menezes de Paiva (2009, p. 60-61), em 1960 aconteceu o primeiro Seminário de Educação de Base em Aracajú[12] e foi patrocinado pela Representação Nacional das Emissoras Católicas (RENEC), desde evento surgia a proposta de criar o Movimento de Educação de Base, após isso foi enviada uma carta para o Presidente Jânio Quadros em nome da CNBB para que fosse realizado um vinculo entre Igreja Católica e Estado. A proposta foi aceita e segundo documento consultado foi decretada a criação do MEB no dia 21 de março de 1961, sob o mandato de Jânio Quadros, visava seguir um programa através das Escolas Radiofônicas na região norte, nordeste e centro-oeste ate o ano de 1965, o Governo Federal estabelece o envio de recursos para que o MEB fosse de fato posto em prática mediante a execução que seria de responsabilidade da CNBB.

3.4.1. GOVERNO FEDERAL E IGREJA CATÓLICA

No Artigo 1º do decreto de número 50.370 dos documentos legais do MEB, ele vai deixar clara qual a relação com a Igreja, veja o que é escrito "O Governo Federal prestigiará o Movimento de Educação de Base (MEB), através de Escolas Radiofônicas a ser empreendido pela Conferência Nacional dos Bispos do Brasil nas áreas subdesenvolvidas / do Norte, do Nordeste e Centro-Oeste do país.". Perceba o termo que é utilizado para a CNBB "a

[12] Vale salientar que a cidade de Aracaju também foi marcada pelo bom êxito das escolas radiofônicas, em 1959 foi iniciado o trabalho por D. José Vicente Távora.

ser empreendido", ou seja, ela seria responsável por empreender, por executar, por realizar aquela tarefa de educação dessas áreas apontadas, sendo assim era de sua responsabilidade articular esse lado ativo de educação. No outro decreto de número 52.267 ele acentuar que "O Governo Federal dará todo apoio ao Movimento de Educação de Base", mas ainda continua a fala que quem empreenderá será a CNBB. Em um convênio realizado pelo Ministério da Saúde e a CNBB diz que a CNBB "compromete-se a estender, às áreas subdesenvolvidas acima citadas, sua experiência de Educação de Base, através de Escolas Radiofônicas" (MEB, 1961, p.11).

Era de responsabilidade do MEB instalar quinze mil escolas radiofônicas em 1961 e fazer com que isso crescesse nos anos seguintes e, para isso, ele deixou claro que o Governo Federal, não a Igreja, disponha de uma verba de quatrocentos e quatorze milhões e trezentos mil cruzeiros. O Ministério da Educação e Cultura colocou centro e cinquenta milhões de cruzeiros a disposição da CNBB

Estava associado em convênios ao MEB, o Ministério da Educação e Cultura, o Ministério da Agricultura, o Ministério da Saúde, o Ministério da Aeronáutica, o Ministério de Viação e Obras Públicas e como órgãos-cooperadores a Superintendência do Desenvolvimento do Nordeste, o Serviço Social Rural, a Comissão do Vale do São Francisco e a Superintendência da Valorização da Amazônia. O MEB deveria estabelecer convênios com esse órgão quando achasse que fosse necessário para os seus programas e como tais deveriam ser aprovados pelo Presidente. (MEB, 1961, p. 5-6)

3.4.2. O OBJETIVO

Mas qual seria o objetivo do MEB? Segundo o livro de Marlúcia Menezes de Paiva:

> "O MEB foi criado com o objetivo maior de cooperar na formação integral de adultos e adolescentes, nas áreas subdesenvolvidas do país, e propiciar elementos para que essas camadas da população tomassem consciência de sua dignidade de criatura humana, transformando-se em agente do processo de mudança da realidade em que vivia. Esse movimento tinha seus objetivos embasados em planos fundamentais, denominados de *Conscientização, Motivação de Atitudes e Instrumentização*." (PAIVA, 2009, p.60)

A partir disto entendemos que o MEB objetivava aos alunos uma aprendizagem de leitura, escrita e consciência do mundo que está ao ser redor, instruindo para que ele pudesse construir seu caráter e sua educação em meio a comunidade em que vivia, além disso,

estimulava a inserção do aluno nas campanhas como as de fossa, vacinação, filtro, registro civil e nos trabalhos comunitários como clubes. A partir do MEB a conscientização foi ampliada, era como se ela estivesse contida na educação, passando o homem a entender o seu posicionalmente em relação ao mundo, ele passou a ter consciência de que ele era sujeito da sua história de sua vida, entendendo o mundo que estava ao seu redor, ele pensava e agia sozinho, não devendo ser dependente de pessoas que o julgavam ser inferiores.

Para comprovarmos esse argumento consultamos os documentos do MEB, e eles falam que objetivo do MEB, como é deixado claro era "contribuir, de modo decisivo, para o desenvolvimento integral do povo, numa perspectiva de autopromoção que leve à uma transformação decisiva de mentalidade e estruturas." (MEB, 1961, p.1). Para conseguir chegar a esse objetivo era necessário alfabetizar, conscientizar, animar os grupos e dar um valor a cultura do povo.

O MEB buscava não só conscientizar, mas também politizar. Ele emitia panfletos, realizava cursos de politização pelo rádio, fazia Cadernos de Politização, artigos em jornais que instruíam o povo a votar consciente. Vale ressaltar que o uso desse termo foi iniciado por conta do Setor de Politização do SAR em Natal. Com a formação na consciência de mundo o homem passaria a ter consciência politica podendo forma grupos que mudassem a realidade em que eles viviam. Para tocar no assunto da politização sempre era posto como debate temas que envolvessem a miséria do lugar que o homem morava, tais como a fome, o analfabetismo, carência médica e etc. (PAIVA, 2009, p.68-69).

Os temas politização e conscientização foram inclusive bem discutidos no I Encontro Nacional de Coordenadores realizado pelo MEB, este redefiniu os seus objetivos "Considerando as dimensões totais do homem e utilizando todos os processos autênticos de conscientização, contribuir de modo decisivo para o desenvolvimento do povo brasileiro, numa perspectiva de autopromoção que leve a uma transformação de mentalidade e estruturas." (FAVERO, 2006, p. 80). Sendo assim esses dois termos foram extremamente importantes para a base do Movimento, faziam parte do foco do seu desígnio, estando presente antes, durante e depois da redefinição dos objetivos e da própria criação do MEB.

Portanto era de objetivo do MEB levar a educação de base para o povo das regiões norte, nordeste, centro-oeste através dos programas radiofônicos. Vale salientar que segundo os documentos de criação do MEB, ele define como educação de base "a alfabetização em massa das regiões subdesenvolvidas; educação sanitária; iniciação agrícola; iniciação democrática; informação profissional, etc." (MEB, 1961, p.2) comprovando o que lemos anteriormente não cabe somente ensinar a ler e escrever. Era necessário também suscitar na

escola a aproximação e organização da comunidade para que os problemas fossem resolvidos, e estar dando atenção devida ao desenvolvimento espiritual de todos.

Era objetivo do MEB, principalmente em 1961 integrar o MEB das emissoras nas áreas que iriam ser trabalhadas, ampliar também as escolas, levando para outros locais, dar os treinamentos de supervisores e monitores, principalmente para aquelas eram mais novatas, disponibilizar equipamentos bons e disponibilização do material didático. (MEB, 1961, p.24)

3.4.3. COMO FUNCIONAVA?

Segundo a documentação legal do MEB ele era dirigido por uma Diretoria Executiva, através do Secretariado Central, que era sediado no Rio de Janeiro. Tendo um setor de administração e uma Equipe Técnica Nacional, esse primeiro é formado por Tesouraria, contabilidade, compras e Expedientes. Já o segundo era formado por um Grupo de Estudo e Planejamento[13] e um Grupo de Coordenação e Supervisão[14].

Além de um Secretariado Central, eles também se organizavam em dimensão estadual com a Comissão Estadual de Representação e Consulta que examinava e debatia problemas de questão local submetidos pela Equipe Estadual de Execução, pois através desse exame era debatido e pensado em soluções para esses problemas, basicamente o trabalho das equipes era:

> "Equipes Estaduais de Execução ela tentava manter o funcionamento regular dos trabalhos devendo ter um representando de cada local de execução, ela também deveria estudar os problemas que o povo daquela região passava devendo submeter a comissão Estadual de Representação os principais problemas, planejar anualmente os trabalhos das Escolas Radiofônicas, elaborar programas, manter contato com outros Sistemas radioeducativos integrados no Movimento de Educação de Base, para uma troca de experiências, organizar e executar todos os trabalhos referentes à administração estadual do Movimento, manter contato com o secretariado Central do MEB" (MEB, p. 26)

As Equipes Locais deveriam, como acentua o documento, orientar, coordenar, planejar, treinar e avaliar, ou seja, deveriam orientar os monitores, realizar as visitas de

---

[13] "Deveria realizar estudo, preparar monografias e planejar atividades, visando à elevação do nível da cultura popular." (MEB, p.25)

[14] Deveria organizar planos de trabalho, organizar e promover treinamentos para as equipes Estaduais de Execução, supervisionar os locais de atuação do MEB, ter contato com as Autoridades dos Estado municípios apresentar relatórios das atividades desenvolvidas à Diretoria Executiva. (MEB, p.25)

supervisão, assim manter as correspondências com os monitores, estar mais próximo do povo, conhecendo seus problemas, pensando na solução para eles, deveriam também estar atentos às Escolas Radiofônicas observando como elas estavam funcionando. Eram uma ponte entre a Equipe estadual e as escolas radiofônicas, cuidavam do movimento financeiro. Era de sua responsabilidade planejar o desenvolvimento anual dos trabalhos, principalmente os cursos e programas didáticos, fazer as distribuições de tarefas. Treinavam novos elementos que integravam as equipes e os monitores. Avaliava com reuniões mensais a desenvoltura do sistema e as visitas de supervisão realizadas às escolas para saber se realmente o MEB estava sendo feito da forma correta. (MEB, 1961).

Como vimos para coordenar o Movimento existia a Equipe Nacional, cuja sede era no Rio de Janeiro, as Equipes Estaduais e a Equipe Local e cada um delas era formada por leigos. Segundo Osmar Fávero (2006) existiam os monitores das comunidades, esses deveriam saber ler e escrever e eram responsáveis por fazer a chamada, matriculas auxiliar os alunos e dentre outras, tal trabalho era voluntario. Recebiam treinamento especializado e o que deveria saber basicamente era ler e escrever, contudo dentre as outras pessoas da comunidade esses era mais instruídos no sentido da educação básica, era realmente uma ponte entre o professor locutor e os alunos.

As acomodações para a aula eram simples, os alunos ficavam em uma sala que poderia ser um galpão, a casa do monitor, salas paroquiais ou até fazendas. Nesse local deveria existir a mesa, cadeiras, um lampião, quadro, giz e principalmente o rádio. As transmissões eram feitas durante a noite, tais aspectos fazem-nos remeter as escolas radiofônicas iniciais.

Sobre os funcionários do MEB, os documentos deixam claro que poderia ser solicitado ao Presidente da Republica quando houvesse um serviço indispensável. Além disso, o presidente iria escolhe 25 membros para o Conselho Nacional de Representação e Consulta do MEB, também devendo ele escolher livremente pessoas para integrar o Conselho Diretor Nacional do MEB. (MEB, 1961, p. 6).

CAPÍTULO III

4. A CARTILHA SUBVERSIVA

As cartilhas eram materiais didáticos utilizados pelo MEB para auxiliar nas aulas radiofônicas, servindo também para politização e conscientização dos alunos, em 1962 segundo Osmar Fávero (2006, p.176) era usado os folhetos ‘Ler e Saber’, o ‘Caderno de Aritmética’ e até mesmo a ‘Radiocartilha’. Contudo tais materiais não eram bem vistos por apresentarem problemas de metodologia, como este último citado, que era usado tanto para crianças quanto para adultos. O próprio Paulo Freire criticava as cartilhas, mas percebia que elas poderiam ser muito importantes para o meio rural, pois os alunos já estavam acostumados com esse método e os monitores não tinham uma formação adequada no que se refere ao preparo didático-pedagógico.

Tinha-se em mente a melhoria dos materiais, introduzindo neles a alfabetização e ao mesmo tempo a conscientização, era necessário ensinar ao povo uma forma de ler o mundo e não somente as palavras. Para tanto no I Encontro Nacional de Coordenadores promovido pelo MEB, vários professores se juntaram para sanar o problema do material didático e criar uma cartilha apropriada para região Nordeste. Durante o ano de 1963 foram feitos os 2 livros para adultos intitulados *Saber para viver* e *Viver é lutar* e é justamente este ultimo que iremos analisar. (FAVERO, 2007, p.178)

A Cartilha que trabalharemos será “Viver é Lutar”, o segundo livro de leitura para adultos, de outubro de 1963 feito pelo MEB e disponível no acervo do CEDIC, um centro de documentação da PUC – SP que disponibiliza documentos da década de 1960 à 1980. Deste livro foram feitos 50 mil exemplares para serem distribuídos no Nordeste, na Amazônia e em Minas Gerais, ficando em circulação até 1965. O interessante da analise desta cartilha é que ela foi bastante polemica e chegou a ser apreendida pelo DOPS, se tornou conhecida como sendo “a cartilha comunista” ou “cartilha subversiva dos bispos”, esta é de fato uma das cartilhas mais famosas do MEB e por tanto investigaremos como e por que ela se tornou assim, o que a faz ser conhecida como Comunista? Será que realmente era? Além disso, a conscientização e a politização estavam muito presentes nessa obra, por tanto ela é um prato cheio para esta pesquisa. Além disso, ela mostrou ser aquilo que o Movimento de Natal queria trazer para o povo norte-rio-grandense e traduzia verdadeiramente o que o nosso povo vivia.

Vale salientar que Osmar Fávero (2006) analisou este documento em seu trabalho “Uma pedagogia da participação popular”, sua forma de analise seguiu a lógica de dividir as trinta lições, nas quais as três primeira estariam relacionadas à compreensão do que é o homem, o mundo e as suas relações, estando elencadas nos assuntos referentes à família, comunidade e o povo. Da quarta até a sexta ele ressalta que são questionadas as condições de vida e da realidade, da oitava até a décima primeira são levantados assuntos referentes as condições de trabalho, da décima segunda até a décima quarta o personagem Pedro toma consciência de sua vida, na décima quinta à décima sexta o MEB mostra sua didática, da décima oitava até a vigésima primeira trata dos instrumentos de ação como escolas, sindicatos, cooperativas, voto, da vigésima segunda até a vigésima quarta o autor acentua essa divisão referenciando como assuntos o folclore, a arte popular e a cultura, na vigésima quinta até a vigésima sétima fala-se sobre a exploração numa ótica anti-imperialista, por fim o autor faz uma ultima divisão , salientando que da vigésima oitava até a trigésima lição é apresentado o realismo colocando o desanimo das horas difíceis e estimulando o aluno a vence isso e continuar lutando. Sendo assim está foi a forma de divisão que Osmar Fávero analisou a cartilha.

4.1. ANÁLISE DA CARTILHA

Pensaremos o documento através de três pilares que o MEB prezava “Influenciar”, “Educar” e “Evangelizar”. Tentaremos lê-lo em cima dessas três palavras refletindo como ele agia no meio social com o material didático. Mas antes de tudo vamos analisar a estrutura da cartilha, ela tem trinta lições, cada uma aproximadamente com duas folhas[15], sendo a primeira de abertura com uma foto que remete as frases que estão ao lado dela, algumas dessas imagens foram doadas pela revista “O Cruzeiro” e outras tiradas das escolas do MEB, o intuito delas era mostrar como era a situação de vida daquele povo que vivia no Nordeste, tais aspectos estimulam o aluno a pensar sobre sua vida e o meio em que eles estavam inseridos.

Na segunda folha estão inseridas as atividades e nessas é interessante atentar para os exercícios, o MEB sempre tenta inserir termos que levem o aluno a pensar, como no caso abaixo da primeira lição, pela qual é necessário riscar as vogais da frase “Eu, Pedro e o povo lutamos” e depois complementar com as letras a frase que formada ficaria “O Povo vive e

[15] Ver a imagem das folhas no anexo.

luta", tais frases estimulam aos alunos a continuar lutando por sua vida, que pode até ser difícil, mas através da educação pode se tornar mais fácil, esta lição não quer apenas que os alunos aprendam o alfabeto, mas quer que eles aprendam a continuar vivendo e lutando em meio as dificuldades de sua vida.

Percebemos que essa estrutura de construção das lições é uma forma de educar e influenciar o aluno, pois ao longo das atividades são postas frases, exercícios e até situações que levam ele não só a aprender português, mas a ler o mundo em suas vivências. É interessante que no desenrolar das lições foi construído uma espécie de história na qual existem personagens (Pedro, Agripino e Xavier), e em determinadas lições eles ainda não tem contato com a educação e depois passam a ir às aulas radiofônicas e a partir disto ele cria uma consciência do seu mundo como na lição quatorze quando o texto introdutório é iniciado da seguinte forma "Pedro tomou consciência" (MEB, 1963, p. 28). Dai por diante assuntos como voto, sindicato, cooperativismo, cultura são postos em debate, porque o personagem e o próprio aluno já criaram consciência do seu meio. Essa é uma técnica utilizada pela cartilha para fazer com que o aluno possa ter a educação e a influência devida, mostrando que através de algumas medidas como o trabalho das cooperativas e a formação dos sindicatos, a vida do trabalhador rural melhoraria bastante.

Com o vinculo feito entre Estado e Igreja Católica pode ser percebido uma pitada de religiosidade no material do MEB, que em quatro lições a palavra "Deus" é citada visando a reflexão de vida daqueles trabalhadores rurais de classe e educação mais baixa "O trabalho de todos ajuda o trabalho de Deus" (idem 1963, p. 6) "O homem precisa de Deus. Deus é Justiça e Amor. Deus quer Justiça entre os homens." (idem 1963, p. 14), "E todos são homens. São filhos de Deus. Precisam viver como filhos de Deus" (idem 1963, p. 24), "DEUS QUER NOSSA LUTA" (idem 1963, p. 60).

A primeira frase influencia o homem a trabalhar em comunidade, pois ele toma consciência que juntos eles farão o trabalho de Deus, mas no caminhar das lições percebemos que eles reconhecem a necessidade que homem tem de Deus e que esse pede justiça entre, os homens, tendo em vista que a desigualdade da época era enorme, tanto que ao longo da cartilha aparecem referencias à exploração no trabalho, como neste trecho da décima sexta lição "Alguns homens tem de sobra e muitos nada têm. Alguns ganham demais. Muitos trabalham e seu trabalho é explorado por outros." (idem 1963, p. 32), pela qual podemos perceber claramente a desigualdade e a exploração, mas mesmo assim, a cartilha lembrava que Deus é Justiça, sendo assim todos devem ser justo, ainda mais, porque o homem era filho de Deus, sendo assim deveriam viver como tais. Na ultima lição a cartilha estimulava os

homens a continuar caminhando e lutando, isso é tão forte que as letras são postas em caixa alta “DEUS QUER NOSSA LUTA” (idem 1963, p. 60).

Com a cartilha é possível entender claramente o sentido de conscientização e politização que o MEB desejava passar. O homem precisava tomar consciência de quem ele era, de quem eram os outros que estavam ao seu redor, do próprio Deus e do mundo, tais aspectos são observados no caminhar da história de Pedro, principalmente quando ele toma a decisão de estudar e reconhece os problemas enfrentados pela sociedade, é como se o personagem retirasse a venda preta que estava nos seus olhos e que o impedia de enxergar. É exatamente isso que o MEB queria. Ele estimulava o aluno a ver o mundo como realmente era, sem máscaras ou maquiagens.

Para tanto também estimulava a politização através de lições que envolvessem assuntos relacionados ao voto como na décima nona lição pela qual ele cita “Chegou o tempo de eleição. Chegou o tempo de eleger os governantes. Eleição é escolha. O povo deve escolher seus representantes. Escolher representantes de todo o povo. Todo o povo vota? Porque analfabeto não vota?” (idem 1963, p. 38), e na vigésima lição “Voto é consciência. Voto é liberdade. Consciência não se vende.” (idem 1963, p. 40) Neste trecho a conscientização da politização é clara, o MEB instigava o povo a votar e votar naqueles conscientemente, sem ser deixado levar pelas trapaças eleitorais, a politização da cartilha está contida do aspecto do voto. Portanto através das cartilhas, que ajudavam a desenvolver o ‘educar’, o ‘influenciar’ e o ‘evangelizar’, o MEB propunha não só uma alfabetização, mas também a criação e ampliação da conscientização e da politização do povo analfabeto.

4.2. APREENSÃO DA CARTILHA

Como falamos, essa cartilha foi aprendida pelo DOPS, isso ocorreu em 20 de fevereiro de 1964, data anterior ao golpe foram apreendidos 3.000 exemplares por ordem do Governador da Guanabara, pois haviam denunciado que o MEB estava disponibilizando “Cartilhas comunistas, por ordem do Ministério da Educação”, contudo esse material que foi aprendido era apenas uma parte dos 50.000 que deveriam ser feitos, nos quais 45. 000 já haviam sido disponibilizados, essa seria a ultima remessa a se repassada, ou seja, muitos estados já haviam recebido a tal cartilha e já poderiam estar trabalhando com ela. (MEB, 1964, p.6),

O presidente do MEB José Vicente Távola tomou posicionamento se direcionando ao delegado Denizard Correa Pinheiro em 10 de março de 1964 para responder a queixa, além

dele várias pessoas envolvidas com a organização da cartilha foram dar seu depoimento, como Osmar Fávero, Vera Jaccoud, e dentre outros, o posicionamento sempre era o mesmo, a cartilha foi feitar para educação e conscientização não como instrumento subversivo e que estivesse conectado ao comunismo, até pelo fato de que o MEB estava conectado a Igreja católica e o próprio José Vicente Távola era contrário a esse regime totalitário.

Como vimos na central do MEB as 3.000 cartilhas foram aprendidas, já em Caruaru, como relata um documento que está em anexo e que é de 1 de julho de 1964 diz que a cartilha foi proibida, contudo o MEB poderia continuar trabalhando com a condição que estivesse sem a cartilha. (MINISTÉRIO DA GUERRA, 1964, p.1).

Em Natal segundo Marlucia a equipe local só tinha alguns poucos exemplares em mãos que foram enviados antes da apreensão e mesmo com a proibição os professores continuavam utilizando frases da cartilha que diziam a respeito da “existência humana, dimensão social e politica do homem, dignidade do trabalho, necessidade de educação, bem comum, ação humana democracia e cultura.” (PAIVA, 2009, p. 84). Exemplos de frases utilizadas por eles, como a autora apresenta, são:

> Pedro vive
> Pedro vive e luta
> A família vive com a comunidade?
> O camponês é o homem da terra
> É justo o povo passar fome?
> Todos precisam viver como homens
> Por que a gente sofre tanta injustiça?
> Por que não tem escolas para todos?
> O povo deve escolher seus representantes.
> Voto é consciência, voto é liberdade.
> O povo tem o dever de lutar por justiça
> A arte popular revela a alma do povo.
> (PAIVA, p.84, 2009)

Essa é uma mistura de frases da cartilha que foram usadas pela Equipe local para trabalhar o material disponível pela equipe nacional, que apesar de não ter sido o suficiente para suprir todas as escolas ainda assim foi algo trabalhado com bastante atenção pelos professores locutores e monitores, frases como essas expressam a conscientização e politização que o MEB propunha.

Após o episodio da apreensão da cartilha subversiva o MEB ficou na mira dos militares e não foi mais o mesmo Movimento, a censura foi instalada, na própria Natal, os militares chegaram a invadir a Emissora de Rádio para tentar impedir os programas, tais programas não poderiam ser mais ao vivo, era necessário que gravassem anteriormente, de fato após esse episódio o MEB nunca mais foi o mesmo. (PAIVA, 2009, p.135-136)

4.3. A PROBLEMÁTICA EM TORNO DA CARTILHA

Um das primeiras razões para se fazer a cartilha "Viver é lutar" estava na seguinte discussão "Os livros de leitura devem possibilitar o desenvolvimento do neo-alfabetizado, evitando a regressão da aprendizagem e da conscientização, despertando o adulto para o necessário engajamento em grupos de trabalho na comunidade, clubes, sindicatos, cooperativas, artesanatos".(MEB, 1964, p.4). Perceba que ele deixa claro "neo-alfabetizado", ou seja, pessoas que acabaram de passar por esse processo de alfabetização e ainda estavam sedentos por mais educação, e era necessário que houvesse um maior aguçamento da conscientização e da presença desse povo na comunidade e foi o desenvolvimento desses assuntos na cartilha que levou a sua fama de "Cartilha Comunista".

Quando nos deparamos com uma cartilha criada pelo Movimento de ordem do estado que está conectado a Igreja Católica e que é chamada de "Comunista" nos deparamos com contradições, como isso pode acontecer? Será que é possível? Qual seria o real posicionamento, principalmente da Igreja?

Quando levantamos esses assuntos nos remetemos a um conceito que foi colocado logo no primeiro capítulo, a chamada Colusão, só para relembrar segundo Roger Griffin (apud Peixoto, 2015) tal termo é "confluência e síntese de posições antitéticas, com a transformação das crenças religiosas para que estas se adaptassem ao fascismo", mas substitua a palavra "fascismo" por "comunismo" que a analise é a mesma, é possível estudar a colusão através do comunismo, temos aqui dois contrários que não se misturam, mas que se aproximam.

Contudo o posicionamento da Igreja em relação a isso era um pouco avesso nos documentos de apreensão da cartilha José Vicente Távola deixa clara sua opinião: "Sou contra o comunismo, lutarei até o último instante de minha vida para que a minha Pátria possa viver livre de qualquer regime totalitário." (MEB, 1964, p.2), ou seja, enquanto representante do MEB e da Igreja ele mostrava sua opinião sendo totalmente contra e continuaria assim.

O que se percebe sobre esse assunto é que a Igreja juntamente com o MEB estava preocupada com a educação do povo. José Vicente Távola Continua "Mas, esta minha posição firme, de guarda e pregador do Evangelho, não me dá direito a permanecer omisso, diante das injustiças sociais, assim como não admito o ódio entre os homens e as classes" (MEB, 1964, p.2) Essa é a continuação posterior de quando ele fala sobre sua opinião em relação a comunismo, aqui ele deixa claro a sua preocupação com o que o homem passava, quando falamos em homem nos referimos em relação ao povo das áreas consideradas pelo MEB como sendo subdesenvolvidas.

Além de sua opinião própria ele também deixa uma coletiva, englobando todos os bispos:

> "Ocorre-me dizer a V. Sa. que os constrangimentos, a que me refiro, tocam de perto um trabalho educativo de grande alcance social de Arcebispos e Bispos, sobre o qual é lançada dúvida ideológica, com suspeição mesmo de serviço ao comunismo. Mais do que ninguém, nós, os Bispos, que representamos a Igreja sabemos distinguir entre comunismo e catolicismo." (MEB, 1964, p.1).

Deixando claro aqui, que não só ele, mas todos os bispos da igreja sabiam do lugar e do posicionamento do comunismo diante da Igreja. O MEB, como se pode ver se era tocado com isso que acontecia, a própria Igreja se sentia um pouco ofendida, pois não era de sua natureza se aliar ao comunismo.

Ele continua em sua fala e nos e diz que os Bispos das regiões subdesenvolvidas conhecem a realidade do seu povo, sabem que eles sofrem e acrescenta que "Subversiva não são as constatações e sim a situação real", a cartilha se tornaria subversiva por mostrar a real situação daquele povo, por não mascarar nada e por passar aquilo que por muitas vezes se tentou esconde, na verdade a cartilha não era comunista, ela era real, mostrava a realidade e a verdade e como toda a verdade essa incomodou e muito os militares.

Ao longo de seu depoimento ele vai prestando esclarecimentos como se fossem justificativas para que a cartilha tivesse essa linguagem, uma delas era que o povo, principalmente do Nordeste clamava por uma vida melhor, pois havia uma alto quadro de mortalidade infantil, analfabetismo, a vida média era de trinta anos, o salário era baixíssimo enquanto o número de familiares era altíssimo, as condições alimentares e de saúde não eram nada boas, nesse quadro catastrófico vivia os nordestinos, e alguns dos bispos brasileiros enxergavam isso e viam no MEB a possibilidade de ajudar esse povo que precisava de um apoio, contudo não era isso que os militares viam nesse Movimento e em sua cartilha ,

enquanto a Igreja se dispunha a ajudar a dar o “pão” a quem tem fome os militares acreditavam que aquela ação seria comunistas.

Ao ver a sua realidade de vida nas cartilhas o povo se sentia surpreso, porque se dava conta que outras pessoas se importavam com seus problemas de vida, ou seja, havia um diálogo entre aqueles que viviam a realidade e aqueles que olhavam de longe, mas se comoviam com a situação, era algo interessante de ser enxergar e que o bispo José Vicente Távola acentuava em seu documento.

Ele também cita a utilização do rádio como um instrumento de difusão de conscientização e informação, principalmente nas regiões rurais, onde a dificuldade de acesso era maior e exatamente o MEB com sua cartilha chegava até essa área dando assistência.

Veja o que ele acentua: “O livro “VIVER É LUTAR”, se por um lado é um livro de tintas fortes, por outro lado, apresenta algumas sugestões que são portas abertas a medidas concretas, em torno das quais as pessoas a quem ele é dirigido se podem congregar eficientemente. É o próprio livro, enquanto livro de leitura para adultos e adolescentes, que conduz a soluções positivas.”.

Ele mesmo considera que o teor do livro não é simples quando coloca “tintas fortes” não se refere a cores, mas aos assuntos, as frases que compõe ele, os textos, as mensagens que neles vem e tentam trazer a conscientização aos alunos, quando ele põem esse termo ele admite que o teor do livro pode não ser pesado não no lado educativo, mas pelo lado da conscientização no que diz respeito à época em que ele estava sendo utilizado. Mesmo sendo um livro de tintas fortes ele também mostrava ser uma solução para os problemas daquele povo, seus conteúdos eram as “portas abertas” para medidas que o povo deveria assumir e realizar em seu meio assim teriam uma possibilidade maior de chegar ao seu sucesso, ele conduzia o povo a “soluções positivas”. E ele cita também alguns pontos que fazem parte do discurso do MEB e que poderiam ser essa solução, a prática dos sindicatos, das cooperativas e das escolas, um ligado ao trabalho e aos direitos dos trabalhadores, as cooperativas também estavam conectadas aos trabalhadores e principalmente aos termos da melhoria econômica e a educação ao desenvolvimento social daquele povo.

Para encerrar seu depoimento José Vicente Távola coloca como justificativa que a cartilha não foi feita do nada, ela tem documentos e passou por uma série de procedimentos e pessoas que aprovaram ou até mesmo reprovaram, ela tinha manuais e um conjunto didático de outros arquivos que estão diretamente ligados a ela, são eles “Mensagem”, “Fundamentação”, “Justificação”, tais documentos foram feitos para facilitar a utilização do

material e também estão disponíveis no site do CEDIC para consulta, além disso a "Mensagem" e a "justificativa" estão no anexo desta pesquisa.

Assim o depoimento é finalizado, as justificativas são postas e o acontecimento é esclarecido, como vimos o intuito do MEB e da Igreja não era abraçar o comunismo, mas se preocupar com a educação do povo das regiões atrasadas e olhar pela sua condição de vida não obstante os militares não entenderam a mensagem e acabaram apreendendo a cartilha e com isso abalando decisivamente as estruturas do MEB nacional que nunca mais voltou a ser o mesmo.

Para reafirmar tudo isso que foi dito trazemos agora as palavras de Dom Eugênio em sua entrevista:

> "Quero deixar claro que a posição da Igreja não é negativa. Nossa preocupação não é a luta contra o comunismo. A Igreja faz a pregação de reformas sociais. Queremos construir uma sociedade melhor no Brasil. [...] a Igreja condena veementemente o comunismo. Condena-o fortemente, assim como o capitalismo liberal. Mas nossa preocupação não é primordialmente a de fazer condenações. Pelo contrário, queremos estabelecer e concretizar, na prática, uma doutrina social positiva. Acreditamos ser essa a melhor maneira de impedir o crescimento da influencia do comunismo [...]. É o que queremos para que se dê aos homens uma alternativa de vida possível que conduza a uma ordem social igualitária e mais justa." (AMMANN, p.48, 2015).

Sendo assim, o comunismo não era algo defendido pela Igreja Católica, pelo contrário, ela se mantinha contra, contudo sua ação diante o povo que sofria fazia com que muitos achassem que ela estivesse a favor, José Vicente Távola e Dom Eugênio de Araújo Sales deixam isso bem claro.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como é possível perceber as décadas de 1950 e 1960 foram marcadas pela redução de 11,8% de analfabetismo o que corresponde a (51,5% para 39,7%), (FERRARO, 2009, p. 92) isso se deveu a criação de uma série de movimentos sociais que buscavam a diminuição desse percentual no Brasil, como tais podemos citar CEAA (Campanha de Educação de Adolescentes e Adultos), CNER (Campanha Nacional de Educação Rural), SIRENA (Sistema Radio Educativo Nacional), CNAA (Campanha Nacional de Alfabetização de Adolescentes e Adultos) e o Movimento de Educação de Base (MEB). Este ultimo teve suas origens concentradas nas Escolas Radiofônicas, principalmente das norte-rio-grandenses, que surgiram através do Movimento de Natal, conhecido assim pela historiografia. Tais movimentos visavam o desenvolvimento do homem em relação a alfabetização e a construção de sua conscientização e politização.

A partir disso compreendemos que o governo já vinha agindo para resolver o problema do analfabetismo, além disso, antes do MEB já existia a SIRENA, um sistema que também trabalhava com a educação através do rádio, mas não funcionava muito bem. Sendo assim esse antigo sistema serviu para abrir portas para a ação do MEB, ou seja, as raízes do uso do rádio para a educação e conscientização do homem são anteriores a 1961, o governo já trabalhava com essa ferramenta, mas não como a Igreja do Rio Grande do Norte vinha trabalhando, e foi através da observação dessa ação das Escolas Radiofônicas que o governo percebeu uma ótima forma para ajudar na diminuição dos índices de analfabetismo e auxiliar a vida do seu povo. Sendo assim o uso do rádio como ferramenta de alfabetização já existia, contudo o seu sistema não funcionava muito bem e foi através da observação do bom êxito das Escolas Radiofônicas no Movimento de Natal que se percebeu um novo e bom sistema para a Educação de Rádio, assim adaptaram-no para a realidade nacional formando o MEB.

Concluímos que dentro do Movimento de Natal (Escolas Radiofônicas) e do próprio MEB é possível enxergar a sua proximidade com a Religião Politica, principalmente no que diz respeito ao fascismo existente na época de Dom Marcolino Dantas e Otto Guerra e no comunismo que foi sentido com o SAR, as Escolas Radiofônicas, o MEB e as suas cartilhas. Além disso, Politica e Religião se cruzavam e andavam juntas no Nordeste, apesar de certas vezes não se entenderem, pensando nisso devemos entender o Movimento de Natal, não somente como sendo religioso, mas também social e principalmente politico, quando paramos para analisa-lo enxergamos claramente esse aspecto e percebemos os laços existentes entre o espécime politico e o espécime religioso.

Percebemos que o material disponibilizado pelo MEB e juntamente com os seus pilares de educar, influenciar e evangelizar eram posto em prática com politização e a conscientização mostrando ao homem que nesse mundo ele tem voz, vez e lugar para viver. O MEB ajudou os brasileiros a abrir seus olhos para as situações indignantes que ele vivia e a origem disto, em certa parte, está nas escolas radiofônicas norte-rio-grandenses que desde seu inicio já lutavam para conscientizar e politizar através do rádio. Com as escolas e posteriormente com o MEB o povo não mais quis ser "burro", eles queriam seguir seu caminho conscientes de que tinham espaço no mundo, eles queriam mudar e também desejavam que todos os Pedros, Agripinos e Xavier no Brasil também pudessem ter a chance de continuar mudando.

A conexão existente entre as Escolas Radiofônicas e a cartilha subversiva do MEB está exatamente no seu sentido de conscientizar e politizar, ambas prezavam e lutavam por isso, elas queriam ver o povo crescer, se posicionar perante a sociedade, essas duas palavras são o ponto chave para se entender tudo que foi estudado, até mesmo o que diz respeito a Religião Politica e a Colusão, elas são o ponto principal para desenvolver todo o laço de compreensão existente nestes assuntos.

Todo esse debate sobre o MEB e suas cartilhas, as Escolas Radiofônicas e o Movimento de Natal, nos dão brechas para novas pesquisas. A documentação sobre esse assunto é muito vasta e abrem um leque de opções, um exemplo é a análise das outras cartilhas feitas pelo MEB, a comparação entre todas elas, a investigação do Ensino de História dentro das Escolas e dentre outras alternativas de pesquisa, ou seja, as possibilidades são muitas e sua realização e aprofundamento ficarão para pesquisas futuras. Além disso, também objetivamos para o futuro o resgate de cartilhas que não estão depositadas virtualmente, mas podem estar no Arquivo da Arquidiocese de Natal. O trabalho não para, a pesquisa e documentação é vasta e o assunto ainda tem muito a dizer.

6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRAFICAS

AMMANN, Safira Bezerra; GUERRA, Marcos José de Castro; SANTANA, Otto Euphrásio de. (Org). **Dom Eugênio Sales em Natal:** Fé e Política. Natal: EDUFRN, 2015.

CEDIC. Disponível em: <http://www4.pucsp.br/cedic/meb/index.html> Acesso em: 29 de outubro 2015.

CAMARGO, Cândido Procópio Ferreira de. **Igreja e desenvolvimento**. São Paulo: CEBRAP, 1971.

FÁVERO, Osmar. **Uma pedagogia da participação popular**: análise da prática educativa do MEB - Movimento de Educação de Base 1961/1966. Campinas: Autores Associados, 2006.

FERRARO, Alceu Ravanello. **Igreja e desenvolvimento** - O movimento de Natal. Natal: Fundação José Augusto, 1968.

__________________. História do analfabetismo no Brasil. São Paulo: Cortez, 2009.

FÓRUNS EJA. Disponível em: <http://forumeja.org.br/didaticos.meb> Acesso em: 31 de agosto de 2015 às 14h44min

MAINWARING, Scott. **Igreja Católica e Política no Brasil (1916-1985)**. São Paulo: Brasiliense,1989.

PAIVA, Marlúcia Menezes de. (Org) **Escolas Radiofônicas de Natal**: uma história construída por muitos (1959-1966) Brasilia: Liber Livro Editora, 2009.

PEIXOTO, Renato Amado. Católicos a postos! A relação entre a Ação Católica e a Ação Integralista no Rio Grande do Norte até o Levante Comunista de 1935. In:____. **Anais do IV Encontro Estadual de História**. Natal: ANPUH-RN, 2010.

__________________. A Crise de 1935 no Rio Grande do Norte: a tensão entre as identidades estadual e nacional por meio do caso norte-rio-grandense. In:_____. **Anais do VI Simpósio Internacional Estados Americanos - Pesquisas acadêmicas contemporâneas**, Natal, UFRN, v. 1, 2012, p. 294-301.

__________________. Duas Palavras: Os Holandeses no Rio Grande e a invenção da identidade católica norte-rio-grandense na década de 1930. **Revista de História Regional**, v. 19, p. 35-57, 2014.

_________________. A Verdadeira Liga Extraordinária e a História do Brasil em Quadrinhos. In:_____. Braga, Amado; Modenesi, Thiago (Org.). **Quadrinhos & Educação**, Vol1: Relatos de Experiências e Analises de Publicações. Recife: Faculdade dos Guararapes, 2015, p. 139-158. Educação em 20 olhares. UFPE: Recife, 2015.

_________________. 'Creio no espírito cristão e nacionalista do Sigma': Integralismo e Catolicismo nos escritos de Gustavo Barroso, Padre J. Cabral e Câmara Cascudo. In_____: RODRIGUES, Cândido M; ZANOTTO, Gizele; CALDEIRA, Rodrigo Coppe. (Org.). **Manifestações do pensamento católico na América do Sul**. 1ªed. São Paulo: Fonte Editorial, 2015.

_________________. 'A Colusão entre o Catolicismo e o Integralismo no Rio Grande do Norte (1932-1935)'. In____: XXVIII Simpósio Nacional de História, 2015, Florianópolis. **Anais eletrônicos do XXVIII Simpósio Nacional de História.** São Paulo: Anpuh Nacional, 2015.

_________________. 'Por Deus, pela Pátria e pelo Rei' – Os Holandeses no Rio Grande e a articulação do local e do regional por meio do internacional na década de 1930'. **Revista de História Regional.** No prelo 2015.

PEIXOTO FILHO, José Pereira. **A travessia do popular na contradança da educação.** Goiânia: Universidade Católica de Goiás, 2003.

RAPOSO, Maria da Conceição Brenha. **Movimento de Educação de Base:** discurso e prática (1961-1967). São Luís: Universidade Federal do Maranhão e Secretaria de Educação do Estado do Maranhão, 1985.

WANDERLEY, Luiz Eduardo W. **Educar para transformar:** Educação Popular, Igreja Católica e Política no Movimento de Educação de Base. Petrópolis: Vozes, 1984.

7. FONTES

MEB. **Apostila Fundamentação: textos complementares para fundamentação filosófica dos livros de leitura "Saber para Viver" e "Viver é Lutar"**. Rio de Janeiro, março de 1964. (capa, contracapa e 1-3pp). Fundo MEB. Acervo CEDIC.

MEB. **Apostila Mensagem dos livros "Saber para Viver" e "Viver é Lutar"**. Rio de Janeiro, fevereiro de 1964. Fundo MEB. Acervo CEDIC.

MEB. **Apostila Justificação dos livros "Saber para Viver" e "Viver é Lutar"**. Rio de Janeiro, março de 1964. Fundo MEB. Acervo CEDIC.

MEB. **Cartilha Viver é Lutar: 2º livro de leitura para adultos**. Rio de Janeiro, outubro de 1963. Fundo MEB. Acervo CEDIC

MEB. **Conjunto documental sobre uso e apreensão da Cartilha "Viver é Lutar"**. 1962-1964. Fundo MEB. Acervo CEDIC.

MEB. **Documentos legais**. Apostila 1, série A. s/l: s/d, 35p. Fundo MEB. Acervo CEDIC.

MEB. **Termo aditivo ao convênio celebrado aos 21 de março de 1961 entre o Ministério da Educação e Cultura e a Conferência Nacional dos Bispos do Brasil, para que o MEB execute o programa de educação de base nas áreas subdesenvolvidas, visando ao cumprimento do decreto n.50370 de 17 de julho de 1963**. Belo Horizonte, 19/06//1964. 2p. Fundo MEB. Acervo CEDIC

8. ANEXOS

Espaço destinado para algumas imagens sobre o Movimento de Natal e para alguns documentos relacionados à Cartilha “Viver é Lutar”.

Figura 1 Equipe do SAR na realização de suas atividades. Fonte: Dom Eugênio em Natal: Fé e Política.

Figura 2 Abertura da Semana Rural em São Pauça do Potengi. 1954. Fonte: Dom Eugênio em Natal: Fé e Política
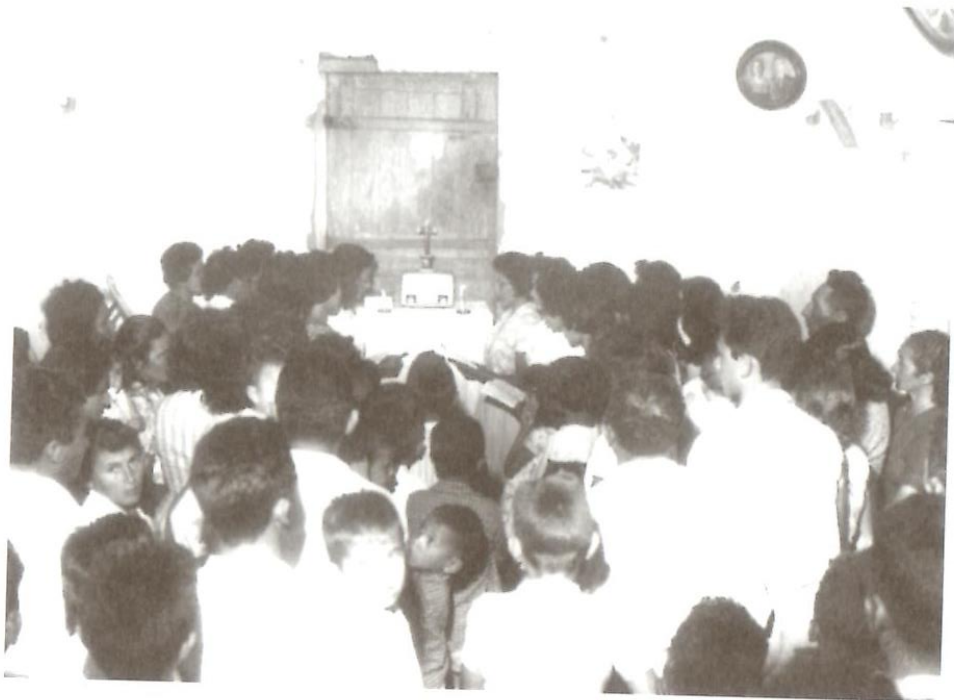
Figura 3 Missa Dominical em uma Escola Radiofônica em 1958. Fonte: Dom Eugênio em Natal: Fé e Política.

Figura 4 Conclusão do Treinamento dos Monitores das Escolas Radiofônicas com o recebimento de seus rádios em 1959. Fonte: Dom Eugênio em Natal: Fé e Política

Figura 5 Treinamento de produção de bolas de sisal. Fonte: Dom Eugênio em Natal: Fé e Política

Figura 6 Capa da cartilha Viver é lutar Fonte: Cartilha Viver é lutar: 2º livro de leitura para adultos. Rio de Janeiro, outubro de 1963. Fundo MEB. Acervo CEDIC..

2.ª lição

Eu vivo com a família.

Pedro também vive com a família dêle.

Todos vivem com a família?

Onde moramos vivem muitas famílias.

Eu, Pedro e tôdas as pessoas somos o povo.

O povo de um lugar forma uma comunidade?

A família vive com a comunidade?

O POVO DE UM LUGAR FORMA UMA COMUNIDADE?

Cartilha "Viver é Lutar": 2º livro de leitura para adultos.
Rio de Janeiro, outubro de 1963. Fundo MEB. Acervo CEDIC.
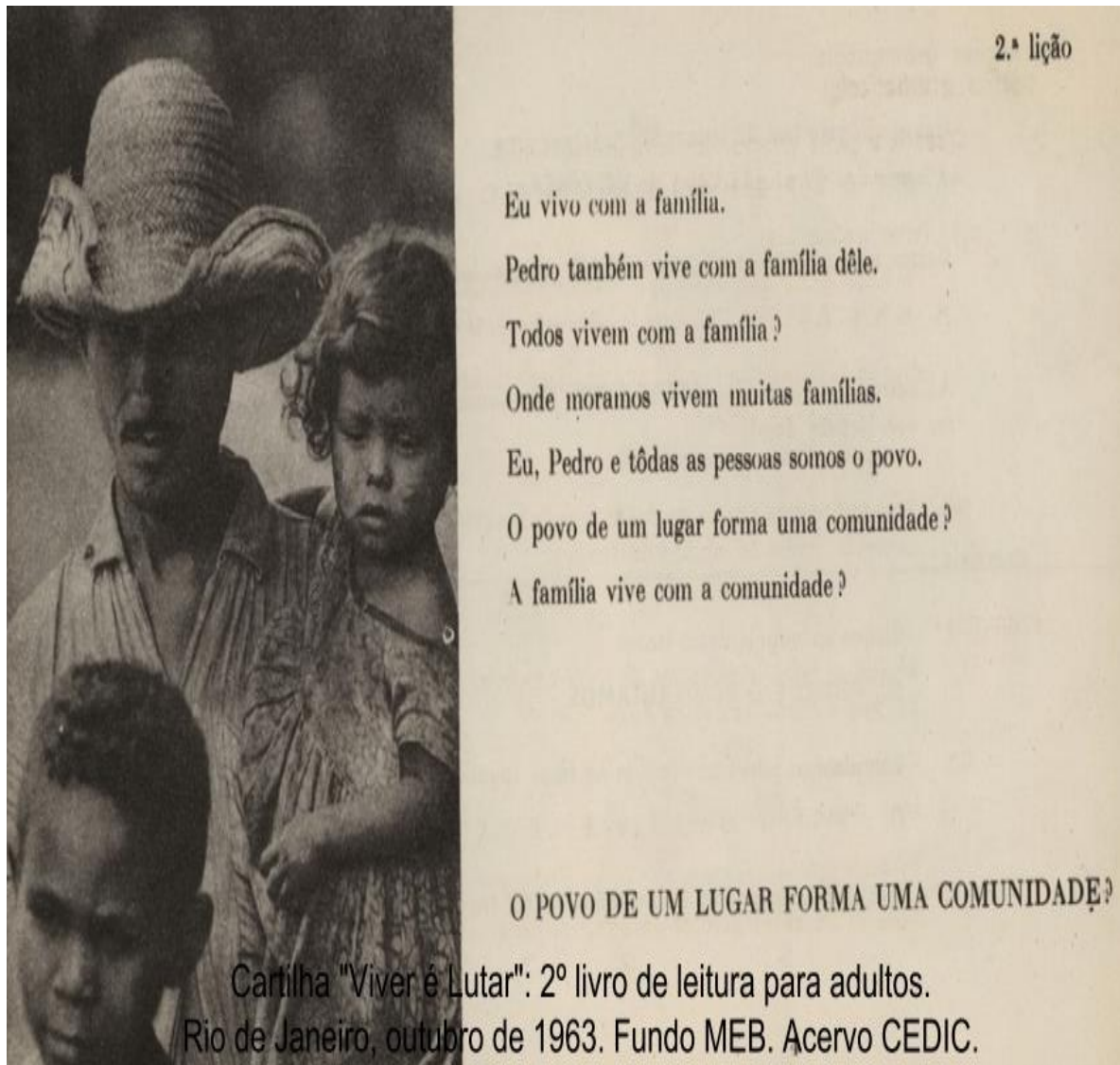
Figura 7 Folha da 2ª lição da Cartilha Viver é lutar. Fonte: Cartilha Viver é lutar: 2º livro de leitura para adultos. Rio de Janeiro, outubro de 1963. Fundo MEB. Acervo CEDIC.

noções gramaticais:

Nosso alfabeto tem 23 letras:

A B C D E F G H I J L M N O P Q R S T U V X Z

Destas letras, 5 são chamadas VOGAIS, porque soam sòzinhas:

A E I O U

As outras são chamadas CONSOANTES. Não soam sòzinhas; precisam das vogais para ter som (soam com).

exercícios:

1.° Risque as vogais desta frase:

EU, PEDRO E O POVO LUTAMOS.

2.° Complete as letras que faltam na frase seguinte:

O P V O I V E E L U A.

3.° Risque as consoantes encontradas na 6.ª frase da lição.

Cartilha "Viver é Lutar": 2º livro de leitura para adultos.
Rio de Janeiro, outubro de 1963. Fundo MEB. Acervo CEDIC.

Figura 8 Folha de atividade da 1ª lição. Cartilha Viver é Lutar: 2º livro de leitura para adultos. Rio de Janeiro, outubro de 1963. Fundo MEB. Acervo CEDIC

Parte do conjunto didático Viver é lutar:

MENSAGEM

Nossos livros de leitura desenvolvem uma seqüência de idéias com a finalidade de ajudar nossos alunos a refletirem sobre a realidade em que vivem e, com essa reflexão, através da aprendizagem, terem oportunidade de se conscientizarem e de optarem por um engajamento ativo na sociedade, em fase de transformação.

Dentro de uma perspectiva de fundamentar essa conscientização no Valor da Pessoa Humana e em mensagens do Evangelho, foi elaborada a presente publicação, com sugestões que acompanham cada lição, ou grupos de lições, e se destinam às professoras locutoras, visando a facilitar-lhes esse trabalho de fundamentação.

Cada assunto tratado aqui, pode, evidentemente, ser subdividido e merece, necessariamente, um aprofundamento por parte das equipes responsáveis. Para melhor aproveitamento por parte dos anos, estes assuntos devem ser tratados de forma bem prática, com exemplos e casos retirados da vida de todo dia, já que é a partir do concreto que nossos alunos podem compreender melhor as mensagens e adapta-las às suas vidas.

A título de sugestão, ainda, além da coluna MENSAGEM, há outra correspondente à CATEQUESE, seguindo uma continuidade do pensamento contida na primeira.

Todas as críticas e sugestões serão recebidas com satisfação, porquanto estamos procurando aperfeiçoar o presente trabalho.

Equipe Técnica Nacional

fevereiro de 1964

JUSTIFICAÇÃO

Essa JUSTIFICAÇÃO faz parte dos textos complementares dos livros de leitura "Saber pra Viver" e "Viver é Lutar", destinados aos professores e produtores de programas educativos do MEB.

Quando se planejou o lançamento desses livros de leitura, vimos a conveniência e a necessidade de uma explicitação clara e unívoca do conteúdo das lições, de forma que facilitassem sua utilização didática. Foram assim preparadas a MENSAGEM, a FUNDAMENTAÇÃO e a JUSTIFICAÇÃO.

A JUSTIFICAÇÃO, como o próprio nome diz, pretende reunir elementos da realidade, dados objetivos, conceitos necessários, textos legais, conclusões científicas que "justifiquem" o que se diz nos livros de leitura. Dessa forma, não é gratuito, mentiroso ou tendencioso afirmarmos: "Menino Zé também trabalha", "Zé não estuda", "Não tem escola para o Zé" etc., quando a vida diária do Brasil subdesenvolvido afirma isso com todas as conotações e conseqüências. Por outro lado, os elementos reunidos na Justificação podem servir de sugestão, levantar problemas ou permitir coletar material para a preparação das aulas.

Nesse sentido, optou-se pela reunião de textos conexos às lições, ordenados e escolhidos, de modo a atender aos principais objetivos da JUSTIFICAÇÃO. É provável que os textos escolhidos não sejam ou não pareçam igualmente importantes. Algumas idéias fundamentais podem não estar suficientemente apoiadas, o que levará a uma discussão do critério utilizado. Desses riscos estamos conscientes e das limitações desta primeira forma da JUSTIFICAÇÃO, também.

Outro problema prévio à preparação desse material foi a escolha entre agrupar assuntos ou idéias básicas (ex.: educação, o homem rural etc.), ou tentar o trabalho lição por lição. A apresentação atual, embora dividida em lições, exige uma leitura global da JUSTIFICAÇÃO, pois, da mesma maneira que nos livros de leitura, certas idéias são afloradas em uma lição, retomadas após etc. Decidimos por essa forma, que nos parecia mais de acordo como caráter auxiliar e complementar da JUSTIFICAÇÃO. Procuramos atenuar as dificuldades com remissão às lições que se aproximam ou se relacionam. De qualquer forma, repetimos, esses textos só formam sentido lidos juntamente com as lições e, mais, suas deficiências (enquanto omissão) só podem ser analisadas após a leitura total.

Devemos assinalar, ainda, que foram usadas abreviações das referências bibliográficas, para facilitar o trabalho de datilografia. Com o manuseio, a dificuldade inicial

desaparecerá e há sempre o recurso de procurar as páginas das “referências bibliográficas” para fazer a conversão de abreviaturas.

Aqui vai a JUSTIFICAÇÃO com todas essas dúvidas. Infelizmente, não foi possível obter críticas de cada equipe antes desta primeira edição. É possível que satisfaça ao que cada um esperava dela. A única solução é o envio de sugestões, críticas, apreciações, idéias para acréscimos, cortes etc., de maneira que possa ser aperfeiçoadas nas próximas edições.

O atendimento a este pedido pode ser encarado como condição básica para um trabalho adequado e conseqüente da Equipe Técnica Nacional, no que se refere à formulação de textos.

Equipe Técnica Nacional
março de 1964